

Antonio Silva Junior

**ESCOLA PÚBLICA E TRAJETÓRIA DE VIDA NA PERIFERIA:  
DESAFIOS POLÍTICOS-PEDAGÓGICOS EM SITUAÇÃO DE  
VULNERABILIDADE.**

Trabalho de Conclusão de Licenciatura  
apresentado ao Departamento de  
Sociologia e Ciência Política da  
Universidade Federal de Santa Catarina  
como requisito para a obtenção do título  
de Licenciatura em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Alberto  
Brunetta

Florianópolis

2015

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Junior, Antonio Silva

ESCOLA PÚBLICA E TRAJETÓRIA DE VIDA NA PERIFERIA:  
DESAFIOS POLÍTICOS-PEDAGÓGICOS EM SITUAÇÃO DE  
VULNERABILIDADE. / Antonio Silva Junior ; orientador,  
Antonio Alberto Brunetta - Florianópolis, SC, 2015.

67 p.

Trabalho de Conclusão de Licenciatura (graduação) -  
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de  
Filosofia e Ciências Humanas. Graduação em Ciências Sociais.

Inclui referências

1. Ciências Sociais. 2. Trajetória de vida. 3.  
Juventude. 4. Vulnerabilidade. 5. Contexto Social. I.  
Alberto Brunetta, Antonio . II. Universidade Federal de  
Santa Catarina. Graduação em Ciências Sociais. III. Título.

Antonio Silva Junior

**ESCOLA PÚBLICA E TRAJETÓRIA DE VIDA NA PERIFERIA:  
DESAFIOS POLÍTICOS-PEDAGÓGICOS EM SITUAÇÃO DE  
VULNERABILIDADE.**

Este Trabalho de Conclusão de Licenciatura foi julgado adequado para obtenção do Título de Licenciatura em Ciências Sociais, e aprovado em sua forma final pelo Programa de Graduação de Ciências Sociais.

Florianópolis, 27 de Novembro de 2015

---

Prof. Dr. Jeremy Paul Jean Loup Deturche  
Coordenador do Curso

Banca Examinadora

---

Prof. Dr. Antonio Alberto Brunetta  
Orientador

---

Prof. Dra Marcia da Silva Mazon

---

Prof. Dra Elizabeth Farias da Silva



Dedico este trabalho a toda minha  
família aos meus amigos de classe e  
do trabalho. Esposa e filho.



## AGRADECIMENTOS

Muitas pessoas estão diretamente ligadas a esta pesquisa, a começar pelos jovens que contribuíram com seus depoimentos abrindo de forma impessoal seus relatos de experiência de vida naquilo que constitui sua construção e sua identificação social, relatando suas experiências de superação a sua condição social de forma lúcida e pragmática, conforme ordem cronológica de suas vivências. Refiro-me também num agradecimento especial a todas as pessoas inseridas nos projetos os colaboradores, técnicos, voluntários e educandos aqui representadas pelo Instituto Padre Vilson Groh (IVG) e Centro Cultural Escrava Anastácia (CCEA), que compõem as sete instituições articuladas da rede IVG. Agradecimento especial aos amigos de trabalho do Centro Cultural Escrava Anastácia, na figura do presidente de honra padre Vilson Groh, por acreditar no meu trabalho e no auxílio de meu fortalecimento de corpo e mente.

Agradecimento especial à Ivone Maria Perassa pelo exemplo de dedicação, trabalho e articulação dos projetos sociais com destreza e inteligência, à Nadir Azibeiro pelas discussões teóricas, enriquecimento na contribuição da ampliação de conhecimento e inquietações sociais sempre me orientando e me colocando a desafiar-me sob os aspectos das interações sociais e subjetividades na busca pela legitimação do desenvolvimento pleno do ser reafirmando outros modos de ser, pensar e agir. Gostaria também de agradecer meus colegas de trabalho dos Programas Jovem Aprendiz e Rito de Passagem, e também aos amigos que por lá passaram, e juntamente com eles ajudaram-me a construir a proposta de análise de pesquisa.

Não posso deixar de agradecer aqui os professores e professoras Márcia Mazon, Jaques Mick, Mirian Pillar Grossi, Maria Soleda Echevere, Ary Minella, Remy Foutoura, Elisabeth Farias, Alberto Groisman, Carlos Sell, Valcionir Correa, Vânia Cardoso, Rafael Devos, Antonella, e todos os outros. Meu orientador, amigo e professor Antonio Alberto Brunetta, que brilhantemente me colocou a flexionar e me instruiu de forma a aguçar meu espírito crítico, reflexivo, na condição de cientista social, desenvolvendo o papel das análises das distinções e tensões sociais, bem como, o apoio e orientação nas reflexões teóricas que foram fundamentais para interpretações das relações e inquietações sociais. Os colegas de cursos que nas discussões mais informais surgiam as principais indagações e as brilhantes ideias.

Em especial, e de coração toda a minha família, meu pai, minha mãe, meu irmão e todos os amigos, em especial a minha companheira, parceira e amiga Fabiana Cunha Rocha (Fabi) pelas correções ortográficas, pelo carinho e dedicação com suas contribuições de forma muito inteligente. Meu filho Otávio Murilo, pelas minhas ausências.

Não tenho palavras para expressar minha gratidão a todas as pessoas aqui citadas e muitas outras que não mencionei neste momento.



## RESUMO

Esta pesquisa consiste numa análise a partir das narrativas colhidas de quatro jovens participantes dos projetos que constituem a Rede IVG. Nestas trajetórias os jovens perpassaram por projetos e programas filantrópicos inseridos nas comunidades da qual são moradores. A pesquisa teve como objetivo flexionar questões que aos olhos do senso comum estão predispostas como algo naturalizado, sendo este cenário e de tal realidade social que se encontra imersa nas vulnerabilidades que se constitui a condição de milhares de histórias de vidas vivenciadas por jovens e adolescentes de comunidades empobrecidas espalhadas por todo território nacional. Buscou-se então, trazer à luz as trajetórias de vida experienciadas por jovens inseridos num contexto de vulnerabilidade por meio das quais, no decorrer de sua trajetória escolar, contexto social, profissional e acadêmico, demonstraram expressões de resiliência a tais condicionantes e diante do enfrentamento das condições e das tipificações sociais já constituídas socialmente, alcançaram certa autonomia profissional e acadêmica. Para o alcance destes objetivos esta pesquisa discorre sob análise de três principais categorias: trajetória de vida, vulnerabilidade e resiliência. Para efeito de complementação da pesquisa realizou-se um breve resgate histórico do processo de escolarização no Brasil, bem como, foi apresentado os processos de articulação em rede de projetos e projetos em rede, desenvolvidos pela Rede IVG. Na metodologia realizamos uma pesquisa abordagem qualitativa de caráter exploratório e os dados de pesquisa foram obtidos através da utilização das entrevistas e depoimentos colhidos, onde se utilizou de entrevista semi-estruturada. As principais considerações que a pesquisa nos permite afirmar é que a vulnerabilidade se expressa de modo diferenciado para cada trajetória de vida e deve ser analisada a partir da perspectiva do indivíduo em seu contexto social, grupal e familiar; percebe-se nestes grupos uma grande propensão em adquirir materiais ativos e inativos para construção de outros modos de ser, pensar e agir dentro das suas respectivas subjetividades; a autoestima e o empoderamento são ferramentas fundamentais para ascensão social;

**Palavra Chave:** Trajetória de vida. Juventude, Vulnerabilidade, Contexto Social.

## ABSTRACT

This research is an analysis of the narratives collected from four project participants young people who make up the IVG Network. These trajectories young people permeated by projects and inserted philanthropic programs in the communities of which they are residents. The research aimed to flex issues that the common sense of the eyes are predisposed as being naturalized, and this scenario and in such a social reality that is immersed in the vulnerabilities that constitutes the condition of thousands of stories of lives lived by young and teens impoverished communities scattered throughout the country. We sought to then bring to light the life trajectories experienciadas by young people in a context of vulnerability through which, in the course of their school life, social, professional and academic, demonstrated resilience expressions to these conditions and before the confrontation the conditions and social typifications already established socially, reached certain professional and academic autonomy. To achieve these objectives this research under review discusses three main categories: life path, vulnerability and resilience. Search for complementation effect was held a brief historical review of the education process in Brazil as well, it was presented the joint processes in network design and network projects developed by IVG Network. The methodology conducted a qualitative approach research exploratory and survey data were obtained through the use of interviews and testimonies collected, which we used a semi-structured interview. The main considerations that the research allows us to say is that the vulnerability is expressed in different ways for each life path and must be analyzed to give birth on the individual perspective in their social, group and family background; it can be seen in these groups a great propensity to get active and inactive materials for construction of other ways of being, thinking and acting within their respective subjectivities; self-esteem and empowerment are fundamental tools for social mobility;

**Keyword:** Path of life. Youth, Vulnerability. Social context.

## **LISTA DE FIGURAS**

Figura 1 – Total de atendimento por projeto 2014 .....	36
Figura 2 – Eixos articuladores .....	42
Figura 3 – Organograma Interinstitucional da Rede IVG .....	46



## LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Populações residentes, por sexo .....	28
Tabela 2: Adolescentes residentes, por sexo .....	29
Tabela 3: Projeções adolescentes residentes, por sexo .....	29
Tabela 4 Renda Familiar .....	31
Tabela 5: Renda Per Capita .....	31
Tabela 6: Escolaridade .....	32



## **LISTA DE ABREVIATURA E SIGLAS**

ACAM - Associação Amigos da Casa da Criança e do Adolescente do Morro do Mocotó

CadÚnico - Cadastro Único Para Programa Sociais

CCEA - Centro Cultural Escrava Anastácia

CEDEP - Centro de Evangelização e Educação Popular

CEJA - Centro de Educação de Jovens e Adultos

CMDCA - Conselho Municipal da Criança e do Adolescente

CONAE - Conferência Nacional da Educação

CRDH - Centro de Referência em Direitos Humanos

CUFA - Central Única das Favelas

EJA - Educação de Jovens e Adolescentes

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia Estatística

IVG - Instituto Vilson Groh

LDB - Lei de Diretrizes e Bases

MTE - Ministério do Trabalho e Emprego

ODMs - Objetivos de Desenvolvimento do Milênio

OMC - Organização Mundial do Comércio

ONG - Organização Não Governamental

PNE - Plano Nacional Da Educação

PROVITA - Programa de Proteção a Vítimas e Testemunhas Ameaçadas

SINASE - Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo





## SUMÁRIO

Da vivência como necessidade de compreensão de experiências .....	19
Introdução .....	25
1. Uma descrição básica do Centro Cultural Escrava Anastacia .....	34
1.1 A Rede IVG .....	43
2. Vulnerabilidade, trajetória e resiliência .....	48
3. As narrativas de jovens sobre suas trajetórias e experiências de resiliência .....	56
3.1 O contexto das entrevistas .....	56
3.2 O perfil dos entrevistados .....	57
Considerações finais .....	80
REFERÊNCIAS .....	83
Apêndice.....	87



## **DA VIVÊNCIA COMO NECESSIDADE DE COMPREENSÃO DE EXPERIÊNCIAS.**

Neste importante momento de minha vida universitária, deixo aqui, em primeira pessoa, um breve registro daquilo que sempre me instigou a pesquisar: as desigualdades sociais impactando no desenvolvimento humano, pois entendo todo o processo de exclusão como princípio fundamental para a violência, seja ela simbólica, econômica, social, familiar e de gênero, de modo que aproveito este registro inicial para demarcar as minhas escolhas pessoais pelo tema.

Nasci no litoral sul do Estado de São Paulo, na cidade de Santos, indo morar com toda minha família na cidade de Praia Grande cidade vizinha a Santos. No início dos anos 1980. Neste período, meus pais muito jovens e ambos com baixa escolaridade buscavam sua inserção no mundo profissional, a fim de garantir e gerar renda para prosseguir atendendo às necessidades básicas da família. Meu pai fora aposentado precocemente por invalidez.

Aos 33 anos de idade ele sofre um acidente muito grave, ferindo seu companheiro no veículo do trabalho; a empresa para qual prestava serviços na época, resolveu aposentá-lo. Nesta condição estabelecida de invalidez e os problemas de saúde deixados por sequelas do acidente limitam sua condição motora, ele então, passou a realizar pequenos “bicos”, como garantia de subsistência de nossa família.

De origem étnica negra e neto de escravos, meu pai passa sua infância na cidade de Amargosa, interior do estado da Bahia, no convívio de sua família biológica, até completar seis anos de idade, vindo para São Paulo com sete anos de idade, onde foi adotado por uma família de classe média. Minha mãe, de família nordestina por parte de pai e descendência italiana por parte de mãe, não possuía profissão definida. A fim de contribuir com as despesas ela então passa há viver na informalidade desenvolvendo atividades como autônoma realizando trabalhos de manicure e pedicure. Indo de casa em casa de cliente em cliente, além dos produtos que vendia destas empresas de cosméticos que existem hoje reconhecidos como “representantes comerciais”, porém, nela brotava um grande sonho, o de cursar uma faculdade.

Após finalizar o segundo grau, inscreveu-se no processo seletivo de uma universidade particular na cidade de Santos, na qual foi aprovada no vestibular, graduando-se com título de bacharel no curso de Serviço Social pela Uni Santos. Neste período, minha mãe trabalhava exercendo a função de telefonista na fundação de assistência social “São

Francisco de Assis”, apoiada pela prefeitura municipal da cidade de Praia Grande. Atualmente exerce a função de Assistente Social da Secretária de Assistencial Social da cidade de São Vicente, também no litoral de São Paulo entre as cidades de Santos e Praia Grande.

Na Praia Grande cidade onde cresci até os meus 17 anos de idade, sempre morei na parte mais empobrecida conhecida como “terceira gleba”, divisão que se dava partindo do valor concebido aos loteamentos, tendo como referência geográfica a proximidade com o mar, onde, quanto mais próximo do mar mais valorizado o imóvel.

Neste sentido, o zoneamento habitacional da cidade era subdividido, subsequentemente, por primeira, segunda e terceira gleba, sendo a terceira gleba os locais com as áreas habitacionais mais vulneráveis, consideradas de alto risco, evidenciado pelos altos índices de criminalidade, narcotráfico e violência.

Com frequência a força policial visitava nossa comunidade, porém, para mim, estes episódios já faziam parte de meu cotidiano e aos poucos fui me naturalizando no enfrentamento destas situações de demarcações de poder protagonizada pela força truculenta da polícia e dos traficantes, bem como, a disputa de territórios demarcada pelos narcotraficantes, que faziam desta comunidade um local perigoso e temido pelo restante da população da cidade.

A pobreza era uma constante, já nos primeiros anos de minha vida morávamos com meus avós, numa pequena casa de alvenaria quase no final da rua, muito próximo ao mangue, no bairro Jardim Anhanguera, na Cidade Ocian. Antes de chegar o calçamento, o saneamento básico e o postinho de saúde, sendo este bairro uma área balneária, as enchentes eram recorrentes fazendo referência à identificação com o bairro sendo reconhecido popularmente por seus moradores como “Vila do sapo”, devido as chuvas, mangues fauna e flora que a cercavam.

Atualmente, o bairro já não se encontra preservado da mesma maneira, pois devido ao crescimento desordenado da cidade e o aumento da demanda habitacional acabou por descaracterizar a mata local, tornando o ambiente um local populoso e residencial evidenciado por aglomerados de favelas e bolsões de miséria. Lembro-me muito bem de meus avós que cansados do dia a dia do trabalho, que ao chegar em casa ansiosos para ver meus tios, minha mãe, meu pai e os filhos desta união que na época eram (eu e meu irmão), totalizando nove pessoas na constituição da família que estava destinada a conviver com muitos desafios no decorrer de sua trajetória.

Para compreender o grau de dificuldade e nível de vulnerabilidade em que esta comunidade se encontrava, e mais especificamente o contexto de minha família eu poderia aqui citar episódios marcantes de minha infância, desde os, momentos de tensão em que a casa de meus avós servia como abrigo para os traficantes, que se refugiavam das investidas policiais, ou até mesmo, quando meu avô no anseio de cuidar de seus familiares foi baleado na porta de sua casa, consequência de um confronto que envolvia traficantes e policiais.

Das muitas recordações que tenho de minha infância naquela comunidade pobre, a qual me mostrou muito cedo as mazelas e as adversidades da vida, bem como, o convívio e as condições num contexto de subalternidades vivenciadas por aqueles que a compunham. Recordo-me muito bem que a nossa maior alegria, era quando, a empresa de sorvetes “Kibon”, na data próxima do vencimento de seus sorvetes e alguns já estavam vencidos, despejavam sorvetes no mangue, localizado próximo a minha casa no final da rua principal, proporcionando momentos de euforia e corre-corre geral da criançada, a fim de, recolher algumas sobras antes que todo o sorvete derretesse, lembro-me muito bem do sorriso de cada criança ao se deliciar com tais quitutes.

Este mesmo mangue servia como local estratégico sendo utilizado para a desova de cadáveres, evidenciando a informalidade e o tribunal de rua com que alguns casos eram solucionados no contexto do narcotráfico, nos acertos de contas das gangues rivais na estruturação e na articulação dos domínios por territórios e pontos de vendas das drogas. Havia também corpos que eram despejados pelas viaturas policiais, que em suas chacinas, utilizavam desse mesmo mangue como espaço para queima de arquivo.

Cresci nesse contexto social de risco, porém sempre tive ao meu lado a minha família que, apesar das adversidades constituídas pela debilitada infraestrutura sociais, possui em seu núcleo e em sua essência grandes exemplos e importantes referências positivas. Entretanto, no estado de São Paulo, na cidade de Praia Grande, para minha realidade o fortalecimento universitário de qualidade e gratuito se apresentavam de forma muito limitada. Ao término do ensino médio me deparei com a situação de ter que pagar uma universidade e devido ao meu histórico social e perfil sócio econômico baixo essa era a possibilidade mais difícil de ser alcançada, pois o que se conseguia de dinheiro era para possibilitar a subsistência de minha família.

Diante o contexto de risco, desigualdade e de muita limitação quanto a minha perspectiva de fomento universitário, me propus a uma tomada de decisão importante em minha vida optando por mudar de cidade, pois entendia que havia a necessidade da qualificação, após a conclusão do ensino médio. Foi então que, na tentativa de conciliar o interesse por viver em uma cidade com praias, mantendo alguma relação com uma paisagem com a qual estava acostumado, e ter uma universidade pública na qual pudesse continuar meus estudos. E em 1998, me mudo de cidade indo morar em Florianópolis. Chegando à cidade de Florianópolis com apenas a passagem de vinda paga e mais cem reais no bolso, que minha mãe havia me dado, praticamente sozinho, eu contava apenas com o auxílio de três amigos e a irmã de um dos meus colegas que já morava e estudava na Universidade Federal de Santa Catarina. Esta amiga nos abrigou em sua república, acolhendo-nos durante vinte dias, tempo que tive para iniciar uma atividade profissional.

Durante os três primeiros anos fui instalador, terceirizado de telefonia digital pela empresa Santa Catarina Telefonia LTDA, na qual desenvolvi atividades auxiliando meu companheiro de trabalho no processo de instalações telefônicas, viajando de norte a sul do Estado de Santa Catarina, conforme as expansões telefônicas e política de instrumentalização da empresa, incidindo de forma significativa em meu desempenho no processo de evolução e desenvolvimento dos estudos. Neste período de adaptação não tive um ponto fixo de moradia prejudicando a apropriação e assimilação dos conteúdos exigidos no vestibular.

Na busca incessante pelo sonho da inserção universitária, realizei uma pesquisa local, no centro da cidade de Florianópolis, constatando que havia alguns cursos oferecidos por instituições privadas reconhecidas como cursinhos pré-vestibulares, porém, todos eram pagos e de custos elevadíssimos. Percebi então, uma grande dificuldade em pagar um cursinho, e foi então, que tomei conhecimento de um curso pré-vestibular gratuito, disponível a jovens carentes. Curso de cunho filantrópico, que tem como nome o Pré-vestibular da Cidadania, que na referida época era oferecido por uma organização não governamental reconhecida como Centro de Evangelização e Educação Popular (CEDEP)<sup>1</sup>, instituição presidida na época pelo Padre Vilson Groh<sup>1</sup>,

---

<sup>1</sup> [www.cedep-floripa.org.br](http://www.cedep-floripa.org.br)

<sup>2</sup> Conferir anexo 2, Organograma do Instituto Padre Groh

padre precursor de vários projetos sociais nas áreas periféricas da cidade de Florianópolis e municípios vizinhos.

Teólogo de formação, envolvido permanentemente nas causas sociais atualmente preside o Instituto Vilson Groh, instituto que carrega seu nome e abriga em sua rede de projetos e projetos em rede um grupo de (07) sete instituições formadoras no âmbito da garantia de direitos e serviço de fortalecimento de vínculos, á crianças e adolescentes na execução de programas e projetos, desenvolvidos em contra turno escolar. Instituições atuantes localizadas nas áreas continentais e centrais da grande Florianópolis.

Atualmente é o instituto Vilson Groh, que administra o curso pré-vestibular da cidadania. O curso é executado em parcerias com o Colégio Catarinense e a instituição de ensino Energia, as quais cederam seus espaços privados de formação, no período noturno, para execução do cursinho pré-vestibular gratuito. Sua primeira edição foi desenvolvida no ano de 1998, nas dependências do Colégio Catarinense, porém devido à elevada demanda de jovens carentes à procura do serviço, em 2001, o projeto estendeu-se também para as dependências do Colégio Energia, no centro da cidade de Florianópolis, onde é desenvolvido até os dias de hoje.

Além do pré-vestibular da cidadania o CEDEP é uma instituição inserida entre as comunidades da Chico Mendes e comunidade do Monte Cristo, comunidades que estão localizadas á margem da via expressa, avenida que dá acesso á cidade de Florianópolis. A instituição atende crianças e adolescentes numa faixa etária que vai desde os 07 aos 14 anos de idade. Possibilitando aos familiares destes adolescentes certa autonomia, assumindo os compromissos com o trabalho e a geração de renda na diária busca pela subsistência. Já que o jovem passa por um período inserido na instituição comunitária e outro no convívio escolar.

Em parceria com os colégios referidos acima no CEDEP, inicialmente, comecei como aluno do curso e após muitas tentativas frustradas de passar no vestibular fui contratado como voluntário na secretária do próprio cursinho onde recebi durante dois anos, em contrapartida aos meus trabalhos, uma bolsa de estudos no colégio Energia, possibilitando estudar no período matutino, enquanto que no período noturno organizava, junto com os professores também voluntários, as demandas e atividades burocráticas do pré-vestibular. Após quatro anos de tentativa de egresso na universidade, no segundo semestre de 2007 - no mesmo ano em que pensava em desistir - fui

aprovado no vestibular no curso noturno em Ciências Sociais, na Universidade Federal de Santa Catarina, sendo essa nova condição que me possibilitou iniciar minha atividade voluntária no CEDEP, como contrapartida ao projeto que me acolheu e que me projetou para iniciação acadêmica.



## INTRODUÇÃO

A história do processo de escolarização no Brasil se dá cinquenta anos após a descoberta do novo continente. Este início do processo de escolarização foi orientado pelos padres jesuítas junto a Coroa Portuguesa. Neste período todo o processo de educação escolar ficava por conta da Companhia de Jesus, somente em 1759 com a expulsão dos padres jesuítas é que o governo da colônia passou a se responsabilizar pela oferta educacional, nomeando professores e remunerando-os uma vez por ano, ficando estes professores na condição de flagelos, exigindo assim do mestre outras fontes para adquirir recursos, a fim de, se manterem economicamente (LEÃO, 2013).

No século XX a escolarização vive um movimento de racionalização guiada pelo processo de urbanização e desenvolvimento industrial que ocorre no país, período que vai de 1930 a 1950. Nesse contexto, existe a necessidade do Estado Brasileiro em atender a sua demanda educacional, porém, os interesses das elites dominantes prevaleceram deste então, no sentido de não se optar pela construção de um sistema público de ensino com qualidade.

Deste modo, concedeu-se ao povo o acesso às escolas de primeiras letras, com um único objetivo, de qualificar minimamente os trabalhadores e seus filhos para o crescente e diversificado trabalho urbano. E neste cenário surge a formação profissional do professor, que evidencia o trabalho desenvolvido pelos normalistas – em geral mulheres oriundas das classes médias e com formação de nível médio – mulheres que passaram a ser protagonistas do processo de educação popular.

A Lei de Diretrizes e Bases (LDB) citada na constituição de 1961 (LDB 4.024/61) e sancionada na constituição de 1971, – para Educação Nacional e Parâmetros Curriculares Nacional, Estadual e Municipal – está pautada no princípio do direito universal à educação para todos. A LDB 9.394/96 trouxe diversas mudanças em relação às leis, sendo estas mudanças contempladas com os documentos orientadores das ações pedagógicas e administrativas da escola, bem como, a Constituição Federal de 1988 no artigo 206, que estabeleceu princípios para educação brasileira onde entre eles estão: “obrigatoriedade, gratuidade, liberdade, igualdade e gestão democráticas sendo estes regulamentados através de leis complementares” (Constituição Federal, 1988).

A Lei complementar da educação, (LDB n 9.394/96) estabelece e regulamenta as diretrizes gerais para educação e seus respectivos sistemas de ensino. Em cumprimento ao artigo 214 da Constituição Federal de 1988, ela dispõe sobre a elaboração do Plano Nacional Da Educação (PNE, Art. 9º), resguardando os princípios básicos constitucionais e, inclusive, de gestão democrática.

A elaboração do Plano Nacional de Educação (PNE), conforme o exposto visa elucidar problemas educacionais referentes às diferenças socioeconômicas, políticas e regionais, bem como, aquelas que se referem à qualidade do ensino e gestão. O PNE trata dos diferentes níveis e modalidades da esfera escolar, como, por exemplo, as questões de: gestão, financiamento e orientação aos profissionais da educação. Atualmente existe um plano aprovado em 2011-2020 referente às Metas e Estratégias educacionais, constituída com base no amplo diagnóstico da educação nacional contemplando as expectativas vocalizadas na Conferência Nacional da Educação (CONAE), ocorrida em 2010.

Sendo este plano fundado nas seguintes premissas: a universalização da educação básica pública, por meio de acesso e permanência na instituição educacional; expansão da oferta educacional superior, sobretudo a pública, por meio da ampliação do acesso e permanência na instituição educacional; garantia de padrão de qualidade em todas as instituições de ensino por meio do domínio de saberes, habilidade e atitudes necessárias ao desenvolvimento do cidadão, bem como da oferta dos insumos próprios a cada nível, etapa e modalidade de ensino; gratuidade do ensino para o estudante em qualquer nível, etapa ou modalidade de educação nos estabelecimentos públicos oficiais; gestão democrática da educação e controle social da educação; respeito e atendimento às diversidades étnicas, religiosas, econômicas e culturais; excelência na formação e na valorização dos profissionais da educação e por fim financiamento público das instituições públicas. Ainda nesta proposta de PNE 2011-2020 foram fixadas apenas vinte metas e se fizeram acompanhar das estratégias indispensáveis para sua concretização.

Entretanto, a ineficiência por parte do Estado, complementada com a dificuldade no acesso às insuficientes políticas públicas educacionais, nos oferece indicadores de que além da ausência de políticas de inclusão e a péssima qualidade na educação básica predispõe a interpretação vulgar de que só se combate criminalidade, narcotráfico e dependência química com violência e repressão policial. Investindo muito pouca nas políticas de prevenção e políticas voltadas

para a juventude. O estado junto á sociedade civil e os representantes da estrutura de poder representados pelas esferas constitucionais dos governos federais, estaduais e municipais, devem se comprometer em oportunizar o acesso e a garantia na consolidação dos direitos constitucionais destes atores sociais. Na busca pela geração de renda possibilitando ao individuo os benefícios do gozo de uma vida plena. Estendendo direitos, aumentando a corresponsabilidade e o compromisso com o bem comum, fundamentada na equidade e justiça social.

A despeito das tentativas de mudanças e democratização da educação, muito jovens ainda permanecem á margem dos processos de escolarização ou se inserem de forma precária neste processo, neste sentido, para evidenciarmos as condições de vulnerabilidade dos jovens diante do aparato estatal, apresentamos abaixo conforme as tabelas alguns dados relacionados especificamente à região metropolitana de Florianópolis.

No estado de Santa Catarina, bem como nos outros estados brasileiros - que atualmente sofrem com o problema do crescimento desordenado pautado na ideia do desenvolvimento, legitimando o grande abismo da desigualdade social brasileira - apresenta, nos últimos 30 anos, um crescimento demográfico acelerado, sendo este aumento populacional atribuído ao intenso fluxo migratório de diversas regiões catarinenses de outros estados, municípios vizinhos e até mesmo de outros países.

A grande maioria destas populações se concentra à margem do processo de inserção social, inserida nos grandes bolsões de pobreza e miséria. Efetivados pela desigual distribuição de renda brasileira. O que caracteriza grande parte da parcela da sociedade às condições de extrema vulnerabilidade e risco social. Refletindo numa realidade de exclusão e violência, que fazem com que estas localidades e populações sejam reconhecidas como particularmente violentas.

O aumento significativo da população em risco, enraizada na péssima infraestrutura do Estado, onera de forma significativa os cofres públicos, já que, as políticas implementadas optam por reproduzir a concepção de “dano pelo dano”, não dando ênfase à prevenção e às políticas de redução destes danos, especificamente no que se refere ao público juvenil. Esta debilidade no setor público deixa evidente a carência ao estímulo e desenvolvimento estrutural, plural, democrático e científico da estrutura social, interferindo de forma consistente no âmbito político e estrutural da rede básica de assistência, no que diz

respeito à educação, saúde, segurança pública, habitação, trabalho e geração de renda, inseridas nas esferas política brasileira.

No ano de 2010 o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, contabilizou uma densidade populacional em Florianópolis num total de 421.240 habitantes, conforme verificamos na tabela abaixo:

Tabela 1: Populações residentes, por sexo.

	<b>Total</b>	<b>Homens</b>	<b>Mulheres</b>
Florianópolis	421.240	203.047	218.193
Percentual	100%	48,20%	51,79%

Fonte: IBGE – Censo Demográfico 2010

Deste total de habitantes 48,20%, se declaram do sexo masculino e 51,79%, do sexo feminino. Neste sentido podemos analisar alguns dados do último censo IBGE 2010. Já na população jovem ou adolescentes os dados são bem diferentes sendo que o número de adolescentes do sexo masculino supera o número de adolescentes do sexo feminino, num total equivalente á 50,21% e 49,79% da população numa faixa etária entre 12 anos e 17 anos e 11 meses, respectivamente. Relacionando estes dados coletados pelo IBGE, com os altos índices de homicídios e altas taxas de criminalidade e envolvimento no trafico de drogas destas juventudes, neste sentido os dados apenas reafirmam a situação do jovem florianopolitano, mais especificamente, do gênero masculino o que resulta no atual índice elevadíssimo de mortalidade deste grupo.

Tabela 2: Adolescentes residentes, por sexo.

<b>Idade</b>	<b>Homens</b>	<b>Percentual</b>	<b>Mulheres</b>	<b>Percentual</b>	<b>Total</b>	<b>Percentual</b>
<b>12 anos</b>	2.831	0,67%	2.726	0,65%	5.557	1,32%
<b>13 anos</b>	2.906	0,69%	2.913	0,69%	5.819	1,38%
<b>14 anos</b>	3.020	0,72%	2.894	0,69%	5.914	1,41%
<b>15 anos</b>	3.090	0,73%	3.051	0,72%	6.141	1,44%
<b>16 anos</b>	2.848	0,68%	3.008	0,71%	5.856	1,39%
<b>17 anos</b>	3.161	0,75%	3.116	0,74%	6.277	1,49%
<b>Total</b>	<b>17.856</b>	<b>4,24%</b>	<b>17.708</b>	<b>4,20%</b>	<b>35.564</b>	<b>8,44%</b>

Fonte: IBGE – Censo Demográfico 2010

Para o ano de 2014, o Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (IBGE), projeta uma população de aproximadamente 461.524 habitantes, na cidade de Florianópolis capital do estado de Santa Catarina, números que correspondem a um crescimento de aproximadamente 9,56% da população no período de quatro anos. Já na população adolescente este crescimento é de 5,09% para o mesmo período. Conforme se observa na tabela abaixo:

Tabela 3: Projeções adolescentes residentes, por sexo

	<b>2006</b>	<b>2007</b>	<b>2008</b>	<b>2009</b>	<b>2010</b>	<b>2011</b>	<b>2012</b>	<b>2013</b>	<b>2014</b>
Masculino	22679	20044	19055	18999	17856	18501	18753	18753	18753
Feminino	22031	19316	18448	18447	17708	18371	18623	18623	18623
<b>Total</b>	<b>44710</b>	<b>39360</b>	<b>37503</b>	<b>37446</b>	<b>35564</b>	<b>36872</b>	<b>37376</b>	<b>37376</b>	<b>37376</b>

Fonte: DATASUS

Ao falarmos do público juvenil evidenciamos vários estágios e enfrentamentos diários em sua formação para a vida adulta, em especial

a questão do uso abusivo de drogas lícita e ilícita. Considerando o tabagismo e consumo de bebidas alcoólicas, dados da Pesquisa Nacional de Saúde Escolar, a Pesquisa PeNSE- 2012- realizada com alunos do 9º ano (8ª série) de escolas públicas e privadas, com idade entre 13 e 15 anos, apontam que 78,8% desses adolescentes já experimentaram álcool alguma vez na vida, sendo que no Brasil o percentual ficou em 66,6%, ocupando Florianópolis o 1º lugar entre as capitais.

Já em relação ao uso do cigarro, 29,1% dos adolescentes relataram já ter fumado alguma vez na vida, sendo que Florianópolis ocupa o 3º lugar entre as capitais. Este percentual no Brasil é de 19,6%. Ainda, 9,7% dos adolescentes de Florianópolis, referiram ter fumado cigarro nos últimos 30 dias, ocupando o segundo lugar entre as capitais no consumo de tabaco. No Brasil esse percentual é de 5,1%.

Sobre o consumo de drogas ilícitas, dados da pesquisa supracitada, revelam que 17,5% dos adolescentes pesquisados, já usaram ou experimentaram drogas, ao menos uma vez. No Brasil o percentual é de 7,3%. Novamente a cidade de Florianópolis, figura como a capital com o maior percentual.

Em relação às políticas sociais vale destacar que o Programa Bolsa Família, política de inclusão social implementada pelo governo federal que se constitui num programa de transferência de renda e acesso aos direitos sociais básicos como educação, saúde, alimentação e assistência social um programa federal que concede mensalmente benefícios em dinheiro para famílias mais necessitadas, tem uma cobertura de aproximadamente 22% das famílias inseridas no programa, cadastradas no cadastro único, junto à secretária de Assistência Social do município de Florianópolis. Segue tabela abaixo:

Tabela 4 Renda Familiar.

<b>Total de famílias/ pessoas cadastradas no Programa Bolsa Família em Florianópolis -2014</b>		
<b>Perfil de renda</b>	<b>Famílias / Domicílios</b>	<b>Pessoas</b>
Renda familiar per capita de até R\$ 77,00	2.000	6.273
Renda fam. per capita de R\$ 77,01 a 154,00	2.056	8.110
Renda fam. per capita entre R\$ 154,01 até ½ S.M	597	2.189
Total Família do PBF	4.760	16.572
Percentual em relação ao CadÚnico	22,4%	26,6%

Fonte: CECAD, outubro/2014.

O Cadastro Único Para Programa Sociais (CadÚnico) é um instrumento que identifica por meio de coleta de dados as famílias de baixa renda em todo território nacional, contemplando famílias que possuem renda mensal de até meio salário mínimo por pessoa (per capita) e famílias com renda mensal total de até três salários mínimos.

Em abril de 2012, em Florianópolis somavam-se 4.760 famílias beneficiárias do Programa Bolsa Família. Considerando os resultados das análises do cadastro único para Programas Sociais do governo federal, há cerca de 10 famílias com renda mensal de até meio salário mínimo por pessoa. Conforme se verifica na tabela abaixo:

Tabela 5: Renda Per Capita

<b>Total de famílias/ pessoas cadastradas no Programa Bolsa Família em Florianópolis -2014</b>		
<b>Faixa de renda total da família</b>	<b>Famílias/ Domicílios</b>	<b>Pessoas</b>
Até 1 Salário Mínimo	4.218	14.418
Entre 1 e 2 Salários Mínimos	409	1.999
Entre 2 e 3 Salários Mínimos	24	140
Acima de 3 Salários Mínimos	2	15
Totais Famílias do PBF	4.760	16.572
Percentual em relação ao CadÚnico	22,4%	26,6%

Fonte: CECAD, outubro/2014.

Quanto à escolaridade dos adolescentes pertencentes a famílias beneficiárias do Programa Bolsa Família, 81,74% possuem ensino fundamental incompleto. Um dado importante a destacar é o número de adolescentes declarados no (CadÚnico) como sem instrução (3,23%). Segundo o Censo IBGE 2010, em Florianópolis existem ainda 328 adolescentes não alfabetizados, sendo 185 declarados do sexo masculino e 143 declarados do sexo feminino, conforme tabela abaixo:

Tabela 6: Escolaridade

<b>Escolaridade</b>	<b>12 a 14 anos</b>	<b>15 a 17 anos</b>	<b>Total</b>
Sem Instrução	64	44	<b>108</b>
Fundamental Incompleto	1699	1031	<b>2730</b>
Fundamental Completo	1	366	<b>367</b>
Médio Incompleto	0	122	<b>122</b>
Médio Completo	0	6	<b>6</b>
Superior Incompleto	0	1	<b>1</b>
Sem Informação	5	1	<b>6</b>
<b>Total</b>	<b>1769</b>	<b>1571</b>	<b>3340</b>

Fonte: CECAD, outubro/2014.

Na cidade de Florianópolis, 18,50% da população se declara sem instrução, ou com ensino fundamental incompleto. Em termos absolutos este percentual equivale a uma população de 69.054 pessoas com mais de 14 anos de idade (IBGE 2010).

Estes dados por mais alarmantes que sejam representam um diagnóstico e um panorama atual da real situação da juventude vulnerabilizada da cidade de Florianópolis, juventudes e comunidades com as quais o Centro Cultural Escrava Anastácia e a Rede Instituto Vilson Groh (IVG) optam por desenvolver suas atividades e projetos.

Desse modo, é possível dizer que a atuação do CCEA e da rede IVG se efetiva no apoio sócio assistencial e na formação para a capacitação ao mundo do trabalho e, principalmente, no enfrentamento de suas principais fragilidades coletivas e individuais, estas inseridas nos contextos sócio familiar, cultural, educacional, social e laboral tanto dos jovens quanto de suas famílias. Sendo estes jovens que perpassaram por estes projetos comunitários é que o objetivo desta pesquisa busca



investigar as trajetórias de jovens que passaram por essas instituições e que atualmente estão inseridos no contexto acadêmico, de modo a identificar a influência do trabalho realizado pelo CCEA e da Rede IVG nessas trajetórias.

## **1. UMA DESCRIÇÃO BÁSICA DO CENTRO CULTURAL ESCRAVA ANASTÁCIA, COMO PARTE INTEGRANTE DA REDE IVG.**

Imerso na problemática social e educacional que permeiam as esferas de governabilidade federal, estadual e municipal, o Centro Cultural Escrava Anastácia inicia sua atuação em articulação numa rede de projetos, surgido ao pé da capela de Nossa Senhora do Monte Serrat, o Centro Cultural Escrava Anastácia (CCEA) é uma organização não governamental (ONG) de cunho filantrópico que atua em conjunto com as políticas públicas, atendendo cerca de 2 mil pessoas em diversos programas de matriz político-pedagógico nas áreas assistencial, social, de garantias de direitos, cultural e esportiva.

Foi fundada no final da década de 90, e desde 2010 está vinculado ao Instituto Padre Vilson Groh, o qual se caracteriza por uma rede de instituições que desenvolvem ações voltadas para a população considerada em vulnerabilidade e risco social. As origens do CCEA estão ligadas às tentativas de articulação política e ação comunitária, num movimento de grande sensibilidade frente ao contexto de violência e criminalidade que os filhos de um grupo de mulheres, mães e avós moradoras da comunidade do Monte Serrat estavam vivenciando. Estas mães tinham o intuito de desenvolver ações de intervenções, no sentido de buscar outra solução ou alternativa para o envolvimento dos seus filhos com o narcotráfico, cujo desfecho frequente costuma ser a morte, evidenciado por muitas vezes de forma prematura esta por sua vez, ocasionada via regra, pela disputa do domínio dos territórios por gangues rivais e confrontos diários com a polícia.

Neste sentido, o Centro Cultural Escrava Anastácia partindo de seu projeto político pedagógico visa, de modo geral, articular suas redes e projetos fornecendo o apoio necessário para jovens e adultos encaminhados através da própria rede institucional (oriundos de outros projetos, entre os quais é possível citar) e da rede externa sócia

assistencial dos municípios da grande Florianópolis, ou então pela busca espontânea.

Segundo a coordenadora geral do projeto em seu depoimento que configura o relatório social do CCEA relata que:

[...] os projetos do centro cultural escrava Anastácia, foram pensados no intuito de dar conta dos desafios relacionados à oferta de uma perspectiva de vida digna com autonomia para as pessoas das comunidades empobrecidas denominadas de “risco”, priorizando os jovens que estão à margem da sociedade (Relatório Social CCEA, 2013).

Ainda segundo o relatório social de 2013, o CCEA é, portanto, um movimento que tem por objetivo articular atores sociais no fomento de sua constituição política, cívica e cidadã através de projetos e programas que possibilitem o questionamento da sua condição histórica e sua relação com o mundo sociocultural; ressignificando a forma de se relacionar com ele e com o outro, a fim de impactar nos crescentes índices de violência e mortalidade de adolescentes, oferecendo-lhes outras possibilidades como alternativa para sua perspectiva de vida.

Atualmente o Centro Cultural Escrava Anastácia conta com um recurso humano total constituído por 93 funcionários, sendo 71% destas mulheres e 29% homens. Conta também com 01 estagiário remunerado, 12 voluntários permanentes, 20 voluntários eventuais, 5 estagiários não remunerados e 33 trabalhadores autônomos. No que diz respeito a equipamentos e recursos o CCEA conta também com 05 laboratórios de informática, 140 computadores, 20 impressoras, 02 servidores, 03 data show, 01 veículo (Kombi) doado pelo Ministério do Trabalho e Emprego (MTE).

Sua infraestrutura e espaços físicos para o desenvolvimento dos programas e projetos são: um prédio de três andares cedido pela Secretária de Segurança Pública do estado de Santa Catarina, onde atualmente estão localizadas a sede administrativa do CCEA, as Incubadoras de Empreendimentos Solidários e o Núcleo de Aprendizagem, composto pelo Programa Jovem Aprendiz e Rito de Passagem<sup>2</sup>. Há ainda imóvel próprio do CCEA, o qual abriga a Casa de

---

<sup>2</sup> <http://www2.ccea.org.br/projeto/11>.

Acolhimento Darcy Vitoria de Brito<sup>3</sup> e o Projeto Procurando Caminho<sup>4</sup>, localizado na comunidade do Monte Serrat.

Nesta mesma comunidade estão localizados outros projetos e programas executados pelo CCEA como por exemplo a Casa de Acolhimento para a População em situação de Rua e o Grupo da Terceira Idade “Rosário da Luz”, que atende os idosos desta comunidade. Espaços estes cedidos pela Igreja do Monte Serrat. Existem também três salas cedidas pela Secretária de Segurança Pública de Santa Catarina e 03 casas alugadas onde são desenvolvidas os programas de Casa de Convivência Frutos do Aroeira e o Centro de Referência em Direitos Humanos (CRDH) de Lajes e de Joinville, sendo que, alguns moveis e equipamentos são oriundos de doações e compras feitas pela instituição.

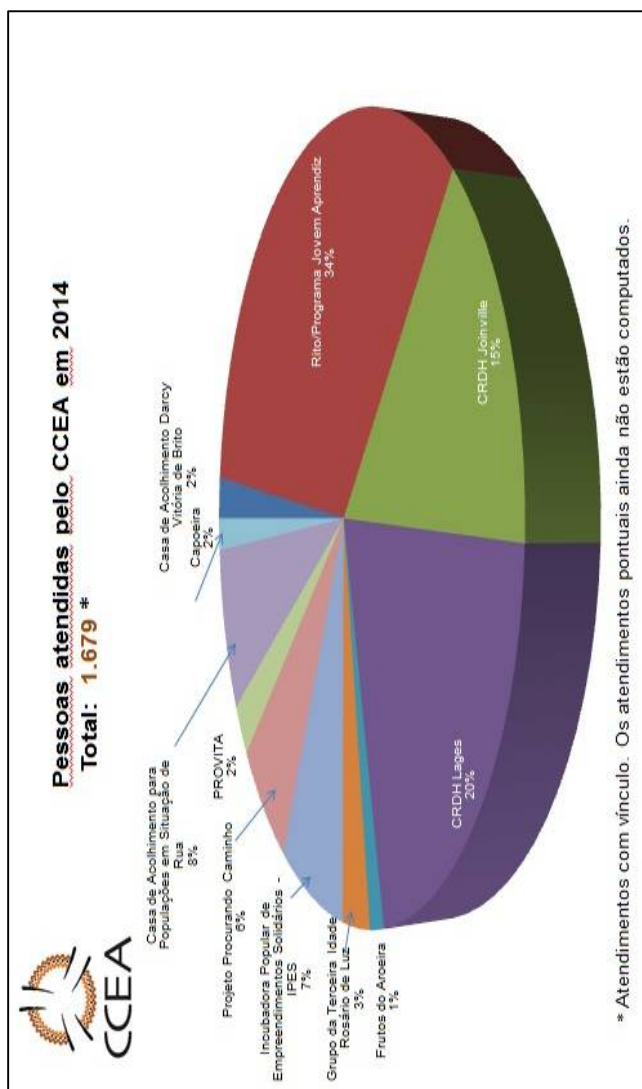
De acordo com o Relatório Social do CCEA referente ao ano de 2013, foram beneficiados pelos projetos e programas 1.679 pessoas. A tabela abaixo ilustra o total de atendimentos no ano de 2014.

---

<sup>3</sup> Instituição cujo objetivo é promover a proteção de crianças e adolescentes em situação de risco e em condições de vulnerabilidade. Cf. <http://ccea.org.br/blog/index.php/projetos/casa-de-acolhimento-darcy-vitoria-de-brito-2/>

<sup>4</sup> Instituição cujo objetivo é apoiar adolescentes e jovens de comunidades empobrecidas do estado de Santa Catarina, envolvidos com a criminalidade e o narcotráfico. Cf. <http://www2.ccea.org.br/projeto/13> convênio com Estado de Santa Catarina 2015TR000841.

Figura 1 – Total de atendimentos por projeto 2014



Fonte: Relatório Social, 2014.

Quanto ao recorte de cor e raça a distribuição se dá, da seguinte forma 51% dos atendidos se declaram de origem étnica branca, 1% indígena e 48% negro ou pardo. Na questão escolaridade a distribuição é mais heterogênea em sua generalidade, sendo 12% dos atendidos com o ensino médio completo e 23% com ensino médio incompleto. No que diz respeito ao ensino fundamental os indicadores se dão da seguinte forma: 49% com ensino fundamental incompleto, 6% com ensino fundamental completo sendo que 1% não é alfabetizado.

Quanto aos níveis superiores o resultado é alarmante, pois há apenas 1% com ensino superior completo e 1% com ensino superior incompleto. Ainda quanto à escolaridade evidenciada em nível técnico, os indicadores se distribuem da seguinte forma: 6% dos atendidos tem o ensino técnico incompleto, 1% com o técnico completo, ou seja, a grande maioria dos atendidos está entre o ensino fundamental e médio completo e incompleto e os restantes distribuídos em outras diretrizes educacionais como Educação de Jovens e Adolescentes (EJA) e O Centro de Educação de Jovens e Adultos (CEJA).

A instituição CCEA é mantida financeiramente por doações de parceiros da rede e particulares, são doações que vão desde móveis e equipamentos, e até mesmo no âmbito do voluntariado e da filantropia. Existem também os convênios e parcerias com o governo federal, do estadual e municipal, além de contar com financiamentos de instituições privadas nacionais e internacionais. A convocatória dos participantes aos serviços e as ações desenvolvidas pela instituição é gratuita, sendo vedada a cobrança de qualquer espécie. Segundo seu projeto político pedagógico a instituição tem como missão o:

“empoderamento de pessoas e coletivos na superação de suas vulnerabilidades, para que se tornem protagonistas na construção de uma vida digna e de um mundo mais solidário e sustentável”. (Relatório Social CCEA 2014, p. 05).

Do final dos anos 90 até o ano de 2004, o CCEA desenvolvia projetos apenas no Monte Serrat, com ações na área da educação, esporte e lazer. Em 2005, por meio de audiência pública do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) do Governo Federal <sup>5</sup>, a instituição foi

---

<sup>5</sup> Os consórcios Sociais da Juventude constituem instrumento para consolidação da parceria governo-sociedade e como porta de entrada complementar do

escolhida para ser a gestora do Consórcio Social da Juventude na cidade de Florianópolis. Desenvolvendo oficinas formativas para inserção ao mundo do trabalho para jovens das comunidades e desenvolvendo a capacitação de articuladores comunitários, o CCEA desenvolveu o consórcio social da juventude no âmbito do programa “Primeiro Emprego” vinculado ao ministério do trabalho e emprego.

Na capital do estado o consórcio social da juventude foi intitulado como projeto “Aroeira”, que em suas três versões 2005, 2006 e 2007 oportunizaram a qualificação profissional de 3.200 jovens e inserção laboral de mais de 50%, dos participantes nos três anos consecutivos. Durante as três versões do consórcio social da juventude criou-se uma demanda de atendimento que tinha como intuito de acolher os jovens que participavam do consórcio social da juventude, sendo estes jovens ameaçados de morte.

Fundou-se então na data de 28 de Setembro de 2008, a Casa de Convivência Frutos do Aroeira (Resolução CNAS N 18/2012). Casa que atualmente está localizada no Rio Tavares, no sul da ilha de Florianópolis. Casa de convivência que atualmente esta vinculada ao Departamento de Ações Socioeducativas da Secretária do Estado da Justiça e Cidadania<sup>6</sup>, que acolhe adolescentes e jovens, de 15 a 21 anos em cumprimento de medidas socioeducativas e de semiliberdade, pautado pelas diretrizes do Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE).

Ofertando ações de formação profissional, inclusão produtiva e intermediação de mão de obra, a casa de convivência Frutos do Aroeira também contribui na retomada dos adolescentes ao acompanhamento escolar por meio do desenvolvimento de atividades que estimulem o convívio social, a participação cidadã e a formação geral para o mundo do trabalho.

Concomitantemente á fundação da casa de convivência Frutos do Aroeira em meados de 2007, o CCEA foi chamado na comunidade

---

programa, a fim de atingir parte do público jovem e garantir a integração das Políticas Públicas de Emprego e Geração de Renda. Os consórcios são formados por entidades e/ou movimentos da sociedade civil organizada, com afinidades e interesse comuns. O Ministério do Trabalho e Emprego firma convênios com uma entidade do Consórcio Social da Juventude, identificada como entidade “âncora”, podendo a entidade âncora subcontratar outras entidades para execução das ações previstas no plano de trabalho (CCEA, 2013).

<sup>6</sup> Resolução Conselho Nacional Assistência Social N 18/2012. <http://www2.ccea.org.br/projeto/06>

Chico Mendes, na capital onde havia ameaças de morte contra um grupo de 25 adolescentes. Para encarar esta problemática criou-se o Projeto “Procurando Caminho”, que através da prática de esporte radicais e esportes individuais e coletivos, faz o resgate de jovens envolvidos no narcotráfico que, posteriormente, são encaminhados para inserção no mercado de trabalho. Em 2013, o projeto “Procurando Caminho”, em convênio com o Governo do Estado<sup>7</sup>, recebe no Rio de Janeiro o prêmio ANU<sup>8</sup>, promovido pela Central Única das Favelas (CUFA), sendo reconhecido como a melhor iniciativa social do estado de Santa Catarina.

Ainda no ano de 2007, porém ao final dele em sua 1ª edição o Rito de Passagem com a intervenção do CCEA, através de sua metodologia de projetos em rede e rede de projetos, acolhe no “Núcleo de Aprendizagem” (composta pelo programa “Jovem Aprendiz” e “Rito de Passagem”) uma média de 100 jovens a cada ano, por intermédio da rede (IVG), em um processo que parte do fluxo de demanda de atendimento da rede para rede, que simbolicamente esta representando num “ritual de passagem”, ou seja, num fluxo que acontece de instituição para instituição da rede, de forma continuada. De projeto para projeto.

O projeto Rito de Passagem, estrutura-se num formato sequencial, divididos em cinco (05) principais eixos temáticos, sendo eles: *formação humana e cidadã; apresentação ao mundo do trabalho; apresentação às novas tecnologias; desenvolvimento de uma ação comunitária e arte e cultura*, os quais são desenvolvidos por meio de atividades e oficinas que são realizadas em encontros semanais, com a carga horária de três horas diárias desenvolvidas de segunda à quinta-feira.

Segundo seus pressupostos teóricos o Núcleo de Aprendizagem tem como proposta pedagógica a contextualização teórica na construção coletiva de aprendizagem, possibilitando ao indivíduo uma efetiva significação na produção de conhecimento. Promovendo a geração de renda, com vistas ao desenvolvimento das competências, habilidades e aptidões. No Brasil está formalizada uma política pública de capacitação e inserção no mercado de trabalho para adolescentes e jovens com a

---

<sup>7</sup> Instituição cujo objetivo é apoiar adolescentes e jovens de comunidades empobrecidas do estado de Santa Catarina, envolvidos com a criminalidade e o narcotráfico. Cf. <http://www2.ccea.org.br/projeto/13> convenio com Estado de Santa Catarina CONV. 2015TR000841.

<sup>8</sup> <http://www.premioanu.com.br/acufa>

faixa etária que vai dos 14 aos 24 anos de idade, através da Lei de Aprendizagem (Lei nº 10.097/2000).

Além dos processos formativos teóricos metodológicos o CCEA, evidencia em sua constituição formadora e atuante, ações de atendimento psicossocial e acompanhamento familiar, apoio pedagógico e técnico na formação escolar e laboral dos jovens. Por esse motivo, o CCEA, desde 2008, se credenciou como entidade formadora, no Conselho Municipal da Criança e do Adolescente (CMDCA)<sup>9</sup>, ampliando a possibilidade de formação profissional e inserção laboral destes jovens.

Com o fortalecimento e sistematização destes processos formativos e seus resultados no desenvolvimento do trabalho em rede, espera-se uma maior incidência na discussão, implementação, qualificação e ampliação de políticas públicas federais, estaduais e municipais. Em resumo, o CCEA potencializa ações de protagonismo juvenil voltada para a cultura da sustentabilidade, resignificando sua prática cotidiana e a transformação da realidade social.

Ainda em 2008, o CCEA participa de mais uma audiência pública organizada pela secretária de Direitos Humanos da Presidência da República e passou a assumir o “Programa de Proteção a Vítimas e Testemunhas Ameaçadas” (Provita). Prestando serviço de apoio, proteção e atenção integral a pessoas vítimas e testemunhas ameaçadas. A atuação do Provita também ocorre em conjunto com o “Centro de Referência em Direitos Humanos” (CRDH), que atua nas cidades de Lages e Joinville, sendo esta uma ação que presta serviço de apoio, orientação e acompanhamento de pessoas em situação de ameaças ou violação de direitos.

Segundo o Projeto Político Pedagógico do CCEA, os projetos e as oficinas têm como ponto de partida as histórias de vida das pessoas envolvidas e seus contextos socioculturais e suas perspectivas de inserção crítica a sociedade. A memória, a oralidade e a corporeidade são partes integrantes e fundamentais para os processos formativos possibilitando desenvolver temáticas como a construção da sua identidade refletindo sobre sua história e o seu cotidiano, repensando e resignificando valores e interesses que legitimam o seu lugar e posição no contexto social.

---

<sup>9</sup> Conselho Municipal da Criança e do Adolescente CMDCA 049/2002.

<http://www.pmf.sc.gov.br/entidades/cmdca/>.



Neste processo todos se transformam em investigadores e exercitam a capacidade cidadã onde todos se tornam mais habilitados para a construção mútua de aprendizagem, onde o educador deixa de ser o dono do saber, capaz de tudo antecipar. Possibilitar a aprendizagem partindo da cooperação valorizando a pluralidade das linguagens e a transversalidade da transposição didática foi sempre o objetivo maior do CCEA e Rede IVG, rede da qual o CCEA faz parte.

A aprendizagem por projetos, princípio pedagógico do CCEA, o educador precisa ter muita coragem e o compromisso em romper com algumas limitações impostas pelo cotidiano, constituída e articulada na história da educação tradicional, ou seja, se destituir de vícios pedagógicos, rituais escolares, atitudes autoritárias e de relações formatadas e definidas como o certo ou único caminho a ser seguido. Assim, espera que interagindo em troca contínua na descoberta de novos caminhos, na busca por alternativas e soluções, possa oferecer aos envolvidos possibilidade de se descobrir sujeitos dos processos de capacitação e protagonistas na construção de conhecimento; dando significado e sentido para aquela prática pedagógica.

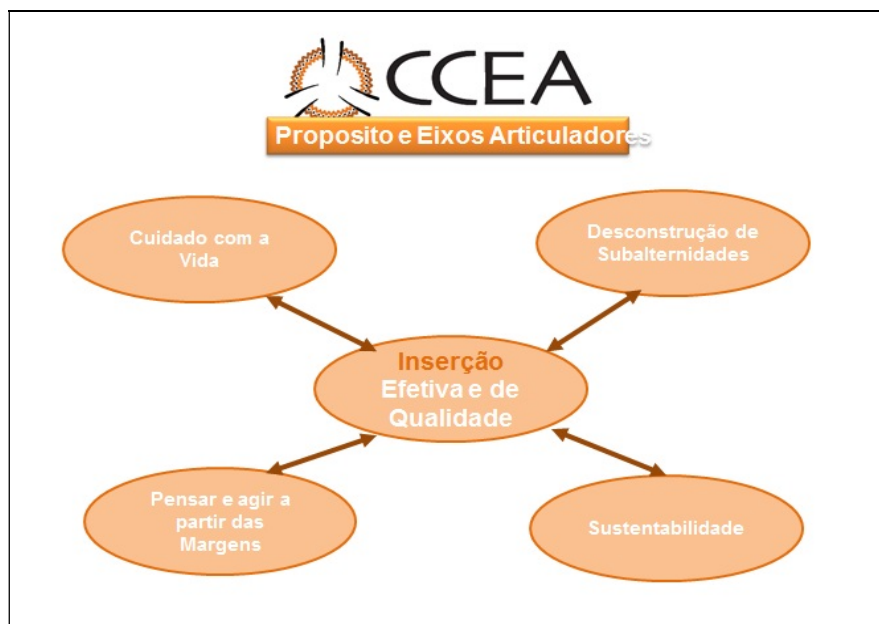
Neste sentido, a ideia central do CCEA é que ninguém, desde que inserido no processo de formação, tome as decisões sozinho, pois a intenção é que exista no processo formativo da rede uma perspectiva dialógica no sentido de encontrar coletivamente alternativas de produção e significação de conhecimento.

A partir da sistematização de dados e avaliação das experiências no consórcio social da juventude “Aroeira”, ficou evidente que o aproveitamento pedagógico de forma plena para o educando poderia ser mais intensificada desenvolvendo formações e oficinas de forma transversal, ou seja, desenvolver processos formativos abrangendo transversalmente os conteúdos de formação geral e conteúdos profissionalizantes, ao invés, de seguir o exemplo da escola tradicional, que se dá, de forma separada por aulas e conteúdos.

O trabalho do CCEA, em seu Projeto Político Pedagógico, tem como principais diretrizes os seguintes eixos articuladores: *o Cuidado com a vida; A desconstrução de subalternidades; o pensar e agir a partir das margens e a sustentabilidade; e se distingue, sobretudo porque é uma rede de projetos que atua interligada em outros projetos em rede. E neste contexto da conectividade e reciprocidade no tecer do fluxo em rede no ano de 2010, em articulação com CCEA, funda-se o Instituto Vilson Groh, (IVG), que além de prestar o apoio e assessoramento às instituições viabilizam o fluxo do ir e vir dos jovens*

inseridos na rede á participarem dos projetos conforme seu perfil, estrutura familiar, atribuições legais e a complexidade de sua comunidade.

Figura 2 – Eixos articuladores



Fonte: Relatório Social CCEA 2014.

O atributo do trabalho e do fortalecimento em rede consiste na possibilidade de desenvolver processos de formação e alfabetização junto ao acompanhamento cronológico do jovem, desde sua infância, adolescência e fase adulta. Neste sentido, o acompanhamento se dá de forma muito mais efetiva e plena, já que o jovem inserido na rede inicia seu processo de formação na base comunitária com 05 a 06 anos de idade e ao completar 15 anos é inserido de forma continuada no Rito de Passagem e consecutivamente no Programa Jovem Aprendiz, projetos que juntos compõem o Núcleo de Aprendizagem do CCEA. Findando-se o contrato de aprendizagem junto à empresa contratante, durante seis meses após o término de contrato o jovem é monitorado pelo CCEA, fomentando ações que possibilitem ao jovem sua inserção laboral

efetiva e de qualidade, partindo de suas habilidades, competências e aptidões potencializadas no decorrer do processo formativo.

Importante compreender que os projetos foram criados a partir das demandas surgidas conforme o contexto e a necessidade atuais de cada comunidade, sendo que os projetos foram se articulando a partir do consórcio social da juventude e a rede IVG que surge para instruir e monitorar cada instituição oriunda das comunidades de origens dos jovens. Diferentemente de um formato linear e gradativo das instituições. Sendo que atualmente é o IVG que administra e orienta cada projeto e programa da rede.

### **1.1 A Rede IVG e a sua articulação da rede de projetos e projetos em rede**

Devido ao grau de complexidade do acompanhamento dos jovens e a dimensão da demanda proporcionada por ele, pela sua família e pelo contexto social, foi criado em 2010 o Instituto Padre Vilson Groh (IVG), instituto que presta serviço no assessoramento defesa e garantias de direitos sem qualquer discriminação às opções de propostas de política pedagógica desenvolvidas nas sete organizações que compõe a sua rede, bem como, na mediação e no acompanhamento e fluxo migratório do jovem de projeto para projeto, conforme seu perfil e suas habilidades, desejos e perspectivas futuras.

Este fluxo migratório de jovens de projeto para projeto possibilita o acompanhamento individualizado de cada beneficiário e sua família bem como possibilita também dar continuidade aos processos formativos de ordem cronológica e evolução processual de cada um e cada uma, neste sentido, conforme relata a coordenadora político pedagógica pensar na articulação em rede supõe

“pensar na articulação em rede de projetos e projetos em rede supõe o entendimento de ações e relações que mantém ao mesmo tempo às conexões entre as instituições, garantido a autonomia e a coerência com as escolhas éticas e político-pedagógico de cada uma delas”. (AZIBEIRO, Nadir. p. 17).

E partindo desta perspectiva que o projeto político pedagógico tem como desafio junto com os jovens, equipe técnica e colaboradores, os quais se sentiram desafiados a desenvolverem oficinas com a

metodologia dos projetos de aprendizagem, articulando transversalmente os temas e os conteúdos partindo sempre das questões levantadas pelo grupo atreladas á diversos conteúdos gerais e técnicos específicos.

Partindo também desta premissa que o Instituto Vilson Groh tem como missão: “prestar serviços de assessoramento defesa e garantia de direitos sem qualquer discriminação tendo como marco referencial a Constituição Federal” (Relatório Social IVG 2014). Este assessoramento se articula com as sete organizações que compõe sua rede, entre elas o próprio Centro Cultural Escrava Anastácia (CCEA) e seus projetos conforme acima citados.

Também fazem parte da rede (IVG) a Associação Amigos da Casa da Criança e do Adolescente do Morro do Mocotó (ACAM), que promove intervenções e programas na perspectiva da ação socioeducativa, tendo como fios condutores de reflexão e prática pedagógica o brincar, o afeto e a alfabetização com responsabilidade e compromisso. A ACAM se estrutura na busca pela garantia da autonomia enquanto espaço socioeducativo, libertador propulsor da paz e consciente de seu papel enquanto agente de transformação social através de ações educativas interligadas às de assistência, onde se configura como real ambiente de garantia de direitos e defesa da vida.

Com um público atendido vai de uma faixa etária que inicia aos 06 anos de idade até completarem 15 anos. Sua sede está localizada no Morro do Mocotó, e no ano de 2013 atendeu 190 crianças, sendo servidas diariamente refeições aos jovens atendidos de segunda a sexta-feira, num total de 144.210 refeições mensais. Das ações e programas desenvolvidos na instituição podemos citar como exemplo a: *Sala de imaginação*; *O projeto identidade* e o *Projeto brincando com a cultura*, exemplos de serviços inseridos na formação pedagógica da instituição.

Já o Centro de Educação e Evangelização Popular (CEDEP), está localizado no bairro Monte Cristo, e tem como objetivo proporcionar um espaço educativo de qualidade, seguro e acolhedor para as crianças, adolescentes e jovens. Potencializando uma aprendizagem coletiva contemplando a cultura da sustentabilidade articulado junto ao poder público e ao voluntariado. No ano de 2013 o CEDEP, atendeu 339 pessoas tendo desenvolvido atividades formativas e serviços como, por exemplo, o *Projeto Oficinas do Saber*; o *Projeto recriando a escrita* e o *Projeto de orientação vocacional*; oferecendo 198.000 refeições mensais aos beneficiários.

Como parte integrante da rede existe também o Centro Social Marista de São José, localizado no Jardim Zanellato, no município de São José, o qual desenvolve ações e programas que atendem crianças, adolescentes e jovens numa faixa etária que vai dos 05 aos 21 anos de idade com serviços de Ensino Fundamental I e II, sendo que no ano de 2013, foram atendidos 1213 educandos. Além dos serviços de Ensino fundamental existem também os Serviços de Orientação Sócios familiares e Socioeconômicos Solidários e a Jornada Ampliada, na perspectiva da educação integral. Juntamente com Centro Social Marista Lucia Mayvorne, localizado no Alto da Caieira, no Mont Serrat, desenvolvendo serviços e programas no âmbito do Ensino Fundamental I e II, que tem como foco a emancipação humana refletindo sobre os espaços educativos como espaços complexos e contraditórios inseridos nos processos sócios institucionais coexistentes as relações sociais. O Centro atende crianças de 05 a 18 anos, onde no ano de 2013, foram atendidas 380 educandos.

Contemplada na rede IVG a Associação João Paulo II é uma das instituições mais antigas da rede, localizada no município de Palhoça, na ponte do Imaruím, onde desenvolve atividades e programas vinculados a prefeitura municipal daquele município. Tendo como articulações pedagógicas três principais frentes de atuação como: 1) *Centro Integrado de Educação Infantil*, em atendimento às crianças de 02 a 05 anos de idade; 2) *Centro de Desenvolvimento da Criança e do Adolescente* e 3) *O Programa Social e Comunitário*, responsável por uma ação social dentro da própria comunidade numa faixa etária que vai dos 02 aos 73 anos de idade, com promoções de atividades sociais, culturais e esportivas.

No ano de 2013 a Associação João Paulo II, atendeu 634, beneficiários onde foram oferecidas 58.117 refeições diárias, além da atuação nas das três linhas de intervenção. A associação conta também com os programas e ações como, por exemplo, a *Inclusão Digital para a Vida*; *Oficina de Customização e Moda*; também realiza o encaminhamento dos jovens atendidos ao programa Jovem Aprendiz, do CCEA, via Rito de Passagem e desenvolvem ações na área da *Saúde Comunitária – Atendimento Médico Saúde Comunitária - Atendimento Psicológico*, dentre outros programas e ações.

Outra instituição inserida na rede IVG é o Centro Social Elizabeth Sarkamp, com a sede localizada no Alto da Caieira, no bairro Saco dos Limões, que desempenha o trabalho de articulação comunitária entre sociedade civil organizada e as esferas estaduais e municipais

interferindo de forma direta nas políticas públicas básicas assistenciais desta comunidade e atendendo o público que vai dos 05 aos 70 anos de idade. Ações e intervenções diretas que busca de certa forma buscar soluções positivas na ruptura das desigualdades sociais e buscam encontrar respostas aos gargalos e enfrentamentos sociais das comunidades, onde as organizações da rede IVG atuam e estão inseridas.

Abaixo organograma da rede IVG:

Figura 3 – Organograma Interinstitucional da Rede IVG.



Fonte: Relatório Social Rede (IVG) 2013.

O trabalho socioeducativo desenvolvido por estas instituições concentram-se nas áreas conhecidas mais especificamente como Complexo Maciço Morro da Cruz (Morro do Mocotó, Monte Serrat e Alto da Caieira). Complexo Monte Cristo e Chico Mendes nas áreas continentais como o Jardim Zanellato, no município de São José, e Ponte do Imaruim, no município de Palhoça. Neste sentido o principal

desafio da rede é mobilizar alternativas de políticas públicas para inserção social dessa juventude.

Como premissa básica segundo o relatório social do instituto a rede IVG se constituiu a partir das demandas existentes em cada projeto inserido na comunidade, ou seja, cada instituição por entendimento ou necessidade desenvolveu suas ações numa determinado contexto sócio histórico no sentido de dar conta no atendimento das demandas sociais do público atendido, partindo de seu contexto social e perfil dos beneficiários. A constituição da rede IVG, é posterior a cada projeto que foi criado conforme sua demanda ou necessidade, entretanto compreender a articulação em rede de projetos e projetos em rede significa fortalecer os canais da rede pública sócia assistencialista, instituições privadas e sociedade civil organizada. Articulando e desenvolvendo e oportunizando o melhor fluxo das informações no que diz respeito ao atendimento, assessorando e monitorando as mais variadas formas de fomento na gestão financeira de cada instituição, propiciando ao atendido o acompanhamento cronológico no desenvolvimento cognitivo de todos os atendidos e beneficiários da rede, bem como, de suas famílias e contexto social, educacional e laboral.

Cada projeto inicia sua caminhada de forma autônoma inserido em sua comunidade, porém basicamente os desafios são os mesmos, independente do contexto onde esta inserida, Desafios e gargalos que de certa forma estão atrelados aos indicadores da baixa escolaridade das populações jovens tanto dos jovens como de seus familiares, há também indicadores da secretaria de segurança pública que refletem nas regiões mais vulnerabilizada, regiões demarcadas pelo narcotráfico, altos índices de dependência de drogas e criminalidade, atrelado à insuficiência do aparato estatal, debilidade na infraestrutura familiar, baixa qualificação de seus progenitores, acompanhada de uma evidente baixa na autoestima desencadeada pelo estigma identitário da pobreza e da criminalidade.

Neste sentido é importante para conjuntura do projeto identificar as questões de vulnerabilidades e risco enfrentado por este grupo de jovens, bem como, seu egresso ao ensino universitário na cidade de Florianópolis. Entretanto, além das questões epistemológicas inseridas no cerne desta pesquisa científica onde, através de um método de análise sociológico, busco trazer a luz os questionamentos e singularidades na tentativa de compreender partindo da análise das trajetórias de vida de um grupo de 04 jovens atendidos pelo CCEA, os

significados atribuídos por eles ao processo escolar no interior das instituições de apoio, de modo a identificar as formas de articulação e as estratégias desenvolvidas por esses jovens no enfrentamento das adversidades relacionadas ao pertencimento atual ao universo da educação superior.

Propomo-nos a analisar, partindo das perspectivas e das trajetórias de estudantes oriundos de um contexto de vulnerabilidade e risco social, suas narrativas a cerca de cada trajetória que se constituiu em estratégias para fugir e desconstruir condicionantes oriundos da condição de vulnerabilidade. Cabe notar que estes jovens escolhidos para a pesquisa deste trabalho de conclusão de curso, até então, nunca tinham vivenciado a inserção no universo acadêmico, nem eles próprios nem de qualquer outra pessoa de sua família.

## **2. VULNERABILIDADE, TRAJETÓRIA E RESILIÊNCIA.**

As categorias acima citadas serão discutidas e analisadas didaticamente, sendo apresentadas e definidas separadamente. Entretanto, para o melhor entendimento e compreensão desses conceitos impõe-se a necessidade de uma visão dinâmica da interação dos mesmos. Assim, estas categorias serão apresentadas de acordo com as definições inseridas no contexto da sociologia.

Em particular, o tema da educação tomou uma perspectiva internacional e o Brasil participa dela desde quando se tornou um dos signatários da Organização Mundial do Comércio (OMC), quando o tema da educação passou ao patamar dos chamados Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODMs) (STROMQUIST, 2012). Arelado ao tema da educação esta pesquisa se propõe ao cruzamento de temáticas bastante conhecidas, as quais ganham destaque na perspectiva sociológica: vulnerabilidade, trajetória e resiliência.

Realizando breve análise de tais categorias verifica-se que alguns destes conceitos, de certa forma, estão diretamente ligados a área da psicologia, mais especificamente originários da Psicopatologia do Desenvolvimento, área de pesquisa destinada a estudar os estados psíquicos relacionada ao sofrimento e fragilidades mentais atrelados à mudança de comportamento conforme a idade durante a vida de uma pessoa. Este campo de conhecimento examina mudanças através de uma ampla variedade de tópicos, incluindo habilidades motoras, habilidades



em solução de problemas, entendimento conceitual, aquisição de linguagem, entendimento da moral e formação da identidade.

Nesses estudos verifica-se que dentro deste campo de pesquisa pode-se obter uma leitura envolvendo vários vieses paradigmáticos e múltiplas conclusões científicas quando combinadas, resultam em determinada leitura acerca do sofrimento mental. Neste sentido, se obtém uma multiplicidade de compreensões, interrogações e questionamentos ao mesmo tempo em que mostra o alto nível que envolve a complexidade dos estudos na área acima citada, podendo causar certa confusão no entendimento dos conceitos. Sendo assim, é fundamental que leitores, pesquisadores e estudantes interessados no estudo da psicopatologia tenham ciência de que existem várias teorias e abordagens na compreensão dos transtornos mentais e de comportamento.

Não obstante, na origem da palavra vulnerável é possível perceber a presença do verbo latim *vulnerare*, que tem como significados (ferir, penetrar). Por essas raízes etimológicas, vulnerabilidade é um termo geralmente usado na referência de predisposição a desordens ou de susceptibilidade ao estresse. Yunes e Szymanski (2001) afirmam que o conceito de vulnerabilidade foi formulado por volta de 1930 pelo grupo de pesquisa de L. B. Murphy, que acabou por definir o termo como “susceptibilidade à deterioração de funcionamento diante de estresse” (p. 28-29). Estas duas autoras também trouxeram a luz das pesquisas as principais diferenças aplicadas aos conceitos de vulnerabilidade e risco. As autoras defendem que o conceito de vulnerabilidade “é aplicado erroneamente no lugar de risco” (pág.29), ressaltando também que o risco, segundo estas mesmas autoras foi usado pelos epidemiologistas associando-o á populações e grupos de riscos e a vulnerabilidade refere-se aos indivíduos e ás suscetibilidades e as predisposições a respostas e consequências negativas.

Esta perspectiva conceitual definiu por reconhecer e interpretar a complexidade das interações envolvendo as vulnerabilidades, e as agências individuais, bem como, o contexto onde ocorre e está inserida. Assim tornando necessária a consideração acerca da presença da estrutura social. Para a sociologia o conceito de vulnerabilidade, inicialmente, teve sua significação construída em relação direta com a pobreza, sendo amplamente discutido nas décadas de 1960 e 1970, embora muitas vezes utilizado simplesmente como sinônimo de pobreza não requer o mesmo sentido, ou seja, não identifica a mesma condição. Sendo que a pobreza esta relacionada ao tempo e requer uma condição

estática e a vulnerabilidade se torna uma predisposição mais dinâmica e tem melhores condições de capturar a mudança como “as pessoas entram e saem da pobreza” (MAXWELL, 1992 *apud* STOCO; ALMEIDA, 2011, p. 664-665).

Na década de 90, o conceito de vulnerabilidade expandiu-se para as áreas da saúde, depois para psicologia, política, economia, sociologia e assistência social, neste contexto sempre este vinculado a uma forma de distinguir grupos de riscos. Nas ciências sociais, especificamente nos estudos desenvolvidos na América Latina, o conceito começa a superar a concepção de posse de bens materiais como uma característica e responsabilidade inerente do indivíduo, passando a relacionar-se também com os aspectos estruturais que envolvem a condição social, apresentado e posto como forma de ascensão há possibilidades de estrutura de oportunidades.

Como podemos evidenciar segundo o autor abaixo, por vulnerabilidade social entendemos:

*“la incapacidad de una persona o de un hogar para aprovechar las oportunidad, disponibles em distintos ámbitos socioeconómicos, para mejorar su situación de bienestar o impedir su deterioro. [...] las fuentes de vulnerabilidad social más importantes em la actualidad tienen que ver con los fenómenos de precariedad e inestabilidad laboral vinculados AL funcionamiento Del mercado y com la desproteccion e inseguridad ligadas ai repliegue dês Estado y El delibitamiento de las instituciones primordiais, familia y comunidad”.* (KAZTMAN, 2000, p. 281).

Neste sentido, a partir desta análise é importante destacar que nem todos os indivíduos pobres sejam geralmente os mais vulneráveis, porém nem todos os indivíduos vulneráveis são pobres, ou seja, por concepção metodológica e categorias epistemológicas a vulnerabilidade pertence e é inerente há qualquer indivíduo, apropriando-se de qualquer estrutura familiar, independe de classe ou situação social; esta relação facilita a diferenciação entre as populações de baixa renda. Assim, compreendemos que estar em situação de vulnerabilidade social é mais abrangente que estar em situação de pobreza, pois se refere à condição de não possuir ou não conseguir apropriar-se e usos de ativos materiais e

imateriais que permitirão ao indivíduo ou grupo social lidar com a situação de pobreza.

Nessa perspectiva os lugares vulneráveis são aqueles nos quais os indivíduos ou grupos enfrentam riscos e a impossibilidade de acesso a serviços e direitos básicos do exercício a cidadania, como condições habitacionais, sanitárias, educacionais, laboral, participação política e acesso diferencial à informação e as oportunidades oferecidas de forma mais ampla para aqueles que possuem esta condição. Sendo assim, o conceito da vulnerabilidade está ligado ao pertencimento e identificação do indivíduo há uma determinada classe e ou posição social, pois, pesquisar as mazelas sociais e as condições de desigualdades, bem como, a situação em que vive as populações menos favorecidas passa, pelo entendimento e pela concepção vinculada a uma determinada sociedade de classes já que nesta condição “os diferentes segmentos sociais possuem diferentes oportunidades de vida”. (HOGAN E MARANDOLA JR, 2006, p. 26).

Dentro deste cenário, a maior ou menor exposição das famílias ou grupos de riscos sociais depende de sua inserção de classe e das condições de vida destas classes no contexto regional e nacional ou até mesmo global. Já que os riscos e oportunidades não são distribuídos igualmente nos diferentes estratos sociais e muitos fatores estão relacionados a vulnerabilidade estão ligados a características inatas e adquiridas durante o processo de gestão e primeira infância reconhecida como vulnerabilidade primária e características desenvolvidas a partir das interações posteriores da criança com o ambiente que neste caso é reconhecida como vulnerabilidade secundária.

Entretanto, fatores externos também contribuem para o fomento da vulnerabilidade, neste sentido podemos citar como, por exemplo, os processos de ensino e aprendizagem ineficazes sendo estes processos por vezes traumáticos, predispondo a criança, adolescente e adulto, certa vulnerabilidade para desenvolver problemas de comportamentos na presença de altos níveis de stress familiar (COWAN e COLS, 1996). A vulnerabilidade aumenta a probabilidade de um resultado negativo ocorrer na presença de um fator de risco. Contudo ela só se legitima na presença dele, ou seja, sem o risco ela não tem efeito (COWAN e COLS, 1996).

Partindo da premissa de que a vulnerabilidade permeia todo âmbito de formação dos indivíduos e desenvolvimento cognitivo - no caso específico dos jovens inseridos nesta pesquisa, principalmente devido ao contexto social, perfil sócio econômico, estrutura familiar e a

insuficiência assistencial básica garantida constitucionalmente apresentada pelo Estado, no que diz respeito, a educação, saúde, geração de renda, segurança pública e políticas públicas para juventude – onde se torna relevante observarmos também quais foram às expectativas, percalços e percursos percorridos por estes jovens diante de tantas mazelas sociais e infraestrutura debilitada. Qual o motor propulsor que manteve o objetivo e a busca pela utopia e materialização dos seus sonhos, atrelados a ideia da ascensão e da transformação social, bem como, o de sua inserção acadêmica?

Do estudo das categorias vulnerabilidade e trajetória, hipoteticamente, entende-se, neste trabalho, que a “resiliência” seja expressão das trajetórias dos jovens que integraram aos projetos sociais em questão, e que agora cursam o nível superior de ensino. Dessa forma, a resiliência é aqui apresentada como categoria de interpretação acerca dessas trajetórias. O termo resiliência originalmente é um conceito emprestado da física, porém na utilização que a psicologia produz deste mesmo conceito onde se refere há um fenômeno caracterizado por resultados positivos na presença de sérias ameaças à adaptação ou ao desenvolvimento da pessoa (MASTEN, 2001). Para o autor, resiliência parece ser um fenômeno simples e comum, que resulta em muitos casos da operação de sistemas básicos de adaptação humana. Neste caso, ao identificar que estes sistemas básicos estão protegidos e em completo funcionamento conjunto dentro de sua complexidade, a adaptação se dá de forma muito positiva desenvolvendo-se de forma independente, mesmo na presença de adversidade.

Entretanto, se estes mesmos sistemas básicos são prejudicados ou estão instaurados por certa debilidade e ou fragilidade, neste caso especificamente na presença de adversidades em decorrência de fatores de riscos, há uma grande probabilidade de desenvolver um maior potencial para fomentar problemas no processo de desenvolvimento do indivíduo. Ainda de acordo com Masten (2001), o conceito de resiliência refere-se há um atributo cognitivo do desenvolvimento humano que se dá de forma indutiva e contextual articulado e se constituído em duas principais dimensões, ou seja, que diz respeito a: presença dos processos de adaptação e dos fatores de riscos, sendo que a primeira é apontada pela literatura e por alguns autores a existência de controvérsias entre os pesquisadores, que definem resiliência a partir do conceito de adaptação e a segunda revela a existência de um consenso entre os teóricos do assunto de que sua presença é imprescindível para a pesquisa referente ao tema (COWAN e COLS, 1996; RUTTER, 1996).

Neste sentido, a primeira dimensão descrita por Masten (2001) refere-se à presença dos processos de adaptação, sendo que alguns pesquisadores definem adaptação baseada nas tarefas evolutivas esperadas para o ser humano ao longo do desenvolvimento, variando de acordo com o seu contexto sócio histórico, nesta perspectiva a adaptação pode ser mensurada através de variáveis como competência social e acadêmica. Ainda de acordo com Masten (2001), o critério utilizado para definir adaptação nos estudos sobre resiliência determinará as variáveis a serem incluídas na pesquisa já que neste caso optamos por utilizar o critério da adaptação baseado na perspectiva sócio-espacial e sócio-histórica, pois segundo esta perspectiva o desenvolvimento humano ocorre através dos processos de interação recíproca entre indivíduos e grupos, por meio de objetos, símbolos presentes em seus contextos sociais.

Outros autores defendem que o conceito de adaptação também está presente na definição de resiliência, para Rutter (1996), resiliência está relacionada com variações individuais em resposta aos fatores de risco. Neste caso, o autor enfatiza a noção de processo, uma vez que a capacidade para adaptação depende tanto da intensidade de risco quanto a sua interação com outros fatores. O risco tem um potencial para predispor pessoas e populações a resultados negativos específicos. Como exemplo de um caso negativo ou indesejado cita-se a manifestação de uma doença ou algum comportamento desadaptado.

De acordo com estes autores, os indicadores de riscos podem ser inerentes aos indivíduos atrelados há seus traços individuais, condicionados as suas principais características e podem estar diretamente relacionados às questões ambientais, questões geográficas e contextos sociais. Exemplo de fatores de risco individual pode relacionar diversos mecanismos biológicos e socioexistenciais como, por exemplo, a questão que se atribui ao sexo, à genética, competência, habilidades sociais, de raciocínio e fatores cognitivos no desenvolvimento psicológico. Entre os fatores de riscos ambientais podemos citar o baixo nível socioeconômico, eventos de vida estressantes, características familiares e ausências de apoio social (MASTEN & GARMEZY, 1985).

Ainda no que diz respeito à categoria “resiliência”, verifica-se uma extensa bibliografia sobre o tema, acompanhada de uma crítica ao uso mecânico e determinista do conceito de risco. Sendo que o termo desperta um olhar científico e mais especificamente á ser compreendido e estudado pelas ciências humanas no continente americano

desenvolvido por pesquisadores inicialmente oriundos da América do Norte, mais especificamente, nos Estados Unidos por volta dos anos 80. Sendo que o conceito ficou definido em termos gerais como a forma e a capacidade da pessoa humana em superar fragilidades resistindo de forma peculiar e individual aos embates e enfrentamentos mais duros da vida e de sua condição social, em outras palavras, diz respeito ao conjunto de fatores que fazem com que um indivíduo consiga sair-se bem depois de uma ou várias experiências catastróficas (JANCZURA, 2002, p. 38).

A partir desta observação a categoria resiliência oferece a esta pesquisa uma possibilidade de interpretação das estratégias articuladas pelos jovens para resistir às adversidades e evitarem os riscos inerentes às suas condições sociais. Possibilita-se também identificar o conjunto de elementos sociais e individuais capazes de proteger os jovens, em contraponto ao foco tradicional do risco que incide sobre o fracasso de pessoas e de grupos. Outro tópico em destaque nesta pesquisa é o conceito de trajetória, que pode ser evidenciado, por exemplo, como uma narração biográfica, ou seja, a história de si mesmo contada cronologicamente ao passo que o indivíduo se relaciona com o meio social onde está inserido, principalmente no decorrer de suas fases de formação. A metodologia da *historia de vida*, conforme pesquisadores que se debruçaram sobre o tema (BERTAUX, 1999; BECKER, 1986) teria surgido nas Ciências Sociais na década de 1920, com os estudos da chamada “Escola de Chicago”. Em suma, esta metodologia se dá sob o aspecto de entrevistas de cunho biográfico, que possibilitaram para estes estudiosos aprofundar em temas como as mudanças sociais relativas aos processos migratórios.

Para o sociólogo francês Pierre Bourdieu, o conceito de história de vida é transposto pelo conceito de trajetória de vida, sendo este articulado aos conceitos *campos* e de *habitus* evidenciado em suas obras, onde fica clara a sua concepção quanto a este tema, relatando que a trajetória de vida é linear e cronologicamente ordenada por eventos sucessivos, ou seja, em posições que foram sucessivamente ocupadas pelo agente num campo. Por consequência, a narrativa do agente será relacionalmente determinada dentro do campo e sustentada em sua história passada, acumulada, espécie de “*script*”, que orienta o perfil e a ação posterior da trajetória do indivíduo, ou seja, de seu *habitus*. Analisando estas categorias principais para a construção deste projeto identificamos algumas questões que são importantes para compreender que o risco não pode ser identificado como vulnerabilidade, embora as

duas categorias estejam estritamente ligadas, sendo que o primeiro refere-se à situação ou justa posição de grupos e o segundo deve ser utilizado quando se identifica a fragilidade ou susceptibilidade dos indivíduos.

O presente trabalho de pesquisa não tem como objetivo avaliar essa crítica nem ao menos aprofundar essa discussão, tampouco visa estabelecer qualquer juízo de valor em relação aos processos paradoxais vividos pelos grupos de jovens aqui pesquisados. Entretanto, nesta pesquisa pretende-se também dar visibilidade a práticas e modos de ação política, educacionais e culturais menos perceptíveis e tampouco analisadas, porém não menos importantes e impactantes a sua condição e construção social fomentando a sua inserção acadêmica. Esta pesquisa também tem por finalidade destacar e refletir sobre experiências que ao longo do tempo têm sido menos teorizadas e estudadas na área dos estudos sobre vulnerabilidade, trajetória de vida e resiliência mais especificamente das populações juvenis, vivenciadas sob o aspecto de experiências intensas, miúdas e constantes de construção de outros modos de pensar, agir e existir em prol da autonomia juvenil no âmbito da educação e cultura.

Assim sendo, utilizo dos relatos autobiográficos produzidos por estes jovens considerando as narrativas nas quais reconstróem o próprio passado, avaliam as experiências vividas e dão sentido ao presente, partindo da premissa de que a linguagem e o discurso são instrumentos fundamentais por meio dos quais as representações sociais são formuladas, veiculadas, assimiladas, e de que o real social é construído discursivamente. Não obstante, e dentro da perspectiva sociológica do universo empírico escolhido, observaremos 04 jovens estudantes, os quais obtiveram êxito no vestibular de universidades públicas e privadas da cidade de Florianópolis e municípios vizinhos. Os referidos jovens foram atendidos pelas escolas estaduais inseridas em suas comunidades como, por exemplo, os colégios estaduais Altino Flores e America Dutra Machado, localizado entre os bairros Monte Cristo e Chico Mendes.

Os referidos jovens também foram atendidos e acompanhados na extensa rede de projetos desenvolvidos e vinculados ao Instituto Padre Vilson Groh e a instituição socioassistencial Centro Cultural Escrava Anastácia. A opção de escolha por este grupo de jovens objetiva o entendimento destas relações institucionais inserida na rede de projetos, bem como, a projeção da expectativa social destes jovens, oriundos de uma classe estigmatizada pela sua posição social e por estar imersa num contexto de vulnerabilidade.

### **3. AS NARRATIVAS DE JOVENS SOBRE SUAS TRAJETÓRIAS E EXPERIÊNCIAS DE RESILIÊNCIA.**

#### **3.1. O Contexto das Entrevistas**

Neste capítulo serão apresentados depoimentos dos 04 jovens, cujas trajetórias de vida foram marcadas por um contexto social de vulnerabilidade e que participaram de projetos da Rede IVG e que atualmente estão realizando formação de nível superior. Os depoimentos gravados foram colhidos de forma individual levando em conta as disponibilidades de horários dos entrevistados. Os jovens pesquisados atualmente trabalham e estudam em sua maioria no período noturno, atendendo a necessidade de um agendamento prévio para coleta das entrevistas.

O contato com os jovens foi realizado pelo pesquisador e efetuado de duas formas principais, por meio do uso das redes sociais e de contatos telefônicos e a outra, feita de forma mais próxima no sentido institucional, já que dois dos quatro jovens entrevistados atuam na rede assistencial da qual o pesquisador faz parte e, portanto, mantém o contato diariamente. Pois este exerce a função de educador na instituição CCEA e por consequência disto mantém contato com os jovens acima citados, sendo que os mesmos possuem, atualmente, contratos vigentes de estágios nesta mesma instituição, estágios que estão diretamente vinculados à sua vida acadêmica.

Frente este contexto, atualmente esses dois jovens estão desenvolvendo o estágio obrigatório distribuídos nas áreas administrativas, de gestão de pessoas e no setor de tecnologia da informação.

Três dos entrevistados foram alunos do pesquisador, que exerce funções de educador com estes nos processos formativos nos projetos da instituição supracitada. O quarto entrevistado foi atendido nos programas desenvolvidos pela rede IVG e CCEA. Sendo assim, o pesquisador previamente tem em mãos os contatos telefônicos e contatos virtuais principalmente via redes sociais, aplicativos de comunicação e via correio eletrônico.

Desafiei-me então a iniciar os contatos, agendando a possibilidade dos encontros conforme a demanda e agenda de cada um (a), tendo como ponto de referência destes encontros as dependências e os espaços da ONG.



Das quatro entrevistas concedidas duas foram colhidas no espaço da instituição formadora pela qual os jovens passaram (CCEA), sendo que esses jovens foram atendidos em contextos e projetos com temáticas diferenciadas, já que as sete instituições inseridas na rede IVG, trabalham segundo o projeto político pedagógico da instituição em redes de projetos e projetos em redes, com ações voltadas ao atendimento de uma ampla faixa etária de grupos e beneficiários. Indo do atendimento desde a criança, adulto e idoso. As entrevistas foram concedidas em momentos de intervalos dentro das quatro horas de estágios desenvolvidos pelos jovens na instituição na sede do CCEA, localizada no Balneário do Estreito, área continental da capital do estado.

As outras duas entrevistas restantes se deram por agendamento prévio, organizado pelo pesquisador. Entrevistas que também foram concedidas nos espaços onde os entrevistados atualmente trabalham. Sendo que uma das entrevistas foi marcada para o horário do almoço. Neste caso foi disponibilizada uma sala da própria empresa contratante da jovem, espaço este, onde os colaboradores e funcionários após o almoço utilizam para o descanso. A empresa está localizada nos altos do Morro da Cruz, bairro localizado na área central do município de Florianópolis.

A última entrevista foi realizada no conjunto habitacional da prefeitura municipal denominada como Vila União, conjunto habitacional com 165 lotes sendo um total de 32 mil m<sup>2</sup>, que foram construídos para atender as famílias que ocupavam irregularmente uma área de risco que se estendia ao longo da BR-282. O conjunto está localizado na Vargem do Bom Jesus no norte da ilha de Florianópolis. Atualmente, a jovem entrevistada tem seu empreendimento comercial, juntamente com sua família, há mais de cinco anos naquela comunidade. Porém, a jovem acima citada não é mais residente desta mesma comunidade permanecendo nela apenas sua família e o empreendimento.

### **3.2 O Perfil Dos Entrevistados**

As trajetórias de vida destes jovens são evidenciadas e demarcadas por diferentes contextos sejam eles laborais escolares, comunitárias e profissionais. Todos os jovens pesquisados foram atendidos pela rede pública estadual e municipal de ensino e sem

exceção os jovens aqui pesquisados são todos oriundos das comunidades e morros das áreas continentais e centrais da grande Florianópolis, comunidades específicas que tem entre suas características o empobrecimento, bem como, os índices elevados de criminalidade e disputas pelo narcotráfico, que dentro das comunidades exerce um papel fundamental de geração de renda. Dois dos entrevistados são, atualmente, moradores de Florianópolis e outros dois, de municípios vizinhos.

Nesta pesquisa, os jovens entrevistados serão identificados por letras correspondentes à ordem em que as entrevistas ocorreram sendo, por ordem alfabética, ordenados e intitulados como entrevistados A, B, C e D.

A entrevistada A é natural da cidade de Florianópolis morou durante os primeiros dez anos no município de Biguaçu, município vizinho a capital do estado e estudou no ensino fundamental da rede pública daquele mesmo município. Conforme evidenciado no relato da jovem abaixo:

*[...] primeiro eu estudei no colégio quando morei em Biguaçu se não me engano até meu primeiro ano, depois vim estudar no colégio Altino Flores na Pro casa. Depois eu participei um tempo num projeto na comunidade ali mesmo na Pro casa. E depois, quer dizer, antes um pouco do ensino médio, como eu morava perto do Monte Cristo eu comecei a participar do CEDEP, e depois fui encaminhando para os projetos do Centro Cultural Escrava Anastácia e projetos Rito, Pro Jovem e programa Jovem Aprendiz. [...] no colégio realmente e mais no terceiro ano, eu não tive apoio nenhum dos professores no ensino e mais o colégio eram precários. Principalmente no colégio onde eu estudava, no Altino Flores. Em alguns momentos eu fiquei desesperada, por que realmente neste último ano eu não consegui aprender absolutamente nada. (Entrevistada A).*

A jovem nasceu no ano de 1995, na cidade de Florianópolis foi moradora das comunidades do Monte Cristo e Pro casa, bairros que foram criados para atender os moradores que ocupavam irregularmente algumas áreas de riscos e principalmente os as famílias que se fixaram nos vãos centrais da via expressa. Ao final da década de 1990 existia

nesta avenida barracões que estavam fixados ali sem nenhuma condição de moradia e acessibilidade. Sendo esta, até hoje, há única avenida que dá acesso à cidade de Florianópolis. Em seu depoimento ela relata que foi criada juntamente com seus quatro irmãos. Neste mesmo relato ela deixa clara a intenção da mãe no rigor e no acompanhamento dos filhos nos estudos. Conforme relato da jovem:

*[...] a minha família foi praticamente desconstituída quando eu era muito nova eu praticamente tinha uns oito anos de idade e minha mãe e meu pai se separaram. Minha mãe me criou com mais dois irmãos, depois que meus pais se separaram ela casou-se de novo e teve mais um filho. [...] minha mãe sempre foi muito rigorosa, objetiva e muito clara em relação aos estudos e por isso todos os meus irmãos se encaminharam para o caminho do bem. (Entrevistada A).*

Filha de pais separados, juntamente com mais três irmãos, durante toda sua infância e adolescência, a jovem sempre foi beneficiária dos programas da rede IVG. Atualmente trabalha numa empresa da mídia televisiva da cidade de Florianópolis e está matriculada no curso de graduação em Publicidade e Propaganda – Comunicação Social, em uma das universidades desta mesma cidade. Conforme relatado pelo jovem em seu depoimento abaixo:

*[...] eu entrei com bolsa integral no curso de publicidade e propaganda, mais desde que eu entrei eu gosto muito de estudar, eu sou uma pessoa que sempre buscou ir além daquilo que me passam apesar de não ter muito tempo para os estudos. Depois do ensino fundamental e médio, a formação acadêmica é a base para o crescimento da vida profissional. [...] como eu trabalho, é difícil de participar de tudo que é proposto pela faculdade e também é difícil acompanhar as disciplinas, como eu consegui vaga numa faculdade particular e tem alguns processos que são mais lentos e burocráticos, em alguns casos é necessário pagar para conseguir uma declaração de estudante. Coisa que numa universidade pública não existe. Os colegas da universidade por estarem pagando eles têm muito mais*

*condições. Eu tenho colegas que têm empresas, carros de luxo e casa própria. Diferente do meu caso, que é bolsa. Eu não estou inserida neste meio e nem nessa condição de vida, mais a gente tem que aprender a lidar com isso... (Entrevistada A).*

A entrevistada A partir de suas memórias e vivências relembra grande parte da sua infância e de suas primeiras experiências escolares no ensino fundamental e médio em instituições de ensino que, em épocas de investidas policiais e conflitos entre gangues rivais na disputa pelo narcotráfico, serviam de espaços neutros e esconderijos aqueles perseguidos pela polícia, evidenciando o contexto de vulnerabilidade no qual esteve inserida. Em uma de suas memórias escolares a jovem relembra que:

*[...] os meninos do movimento jogavam bola na quadra da escola nos momentos da educação física eles a usavam como um lugar neutro para se esconderem das investidas policiais. (Entrevistada A).*

A jovem, de forma continuada, alcança após anos de estudo sua inserção na Universidade, curso que se insere na área da qual atualmente a jovem exerce sua função desde o início de sua vida profissional, lembrando que esta teve início na aprendizagem sendo depois contratada pela empresa a partir de seu desempenho e contribuições. Neste sentido, a jovem perpassa efetivamente pelo processo de expressão de resiliência e superação, como citado em alguns pontos de sua entrevista. Evidenciado conforme o depoimento abaixo da jovem:

*[...] eu acho que consegui atingir muita coisa do que eu prospectava, por que eu busquei atingir todas as metas, até agora, até o momento atual. Eu quero continuar conquistando, este é um processo contínuo, eu não quero parar por aí, pois hoje eu sou a pessoa que eu queria ser a cinco anos atrás. [...] a base de tudo é a força de vontade, não é por que venho de uma comunidade carente ou porque não tive o acompanhamento total do meu pai do meu lado ou também por ter muitos irmãos ou até mesmo por que tive que sair de casa muito cedo, mais é força de vontade, pois*

*tudo que a pessoa quer ela pode conseguir, não importa o meio social ou físico que ela está, o que importa é a força de vontade que vem de dentro.*  
(Entrevistada A).

Mais do que a necessidade de sobreviver, os relatos colhidos trazem consigo nas narrativas destes jovens uma relação de superação, principalmente no enfrentamento cotidiano constituído a partir do contexto social no qual os jovens estão inseridos, isto é, um contexto demarcado por desigualdades e mazelas sociais. É importante destacar que os caminhos percorridos por estes jovens na superação destes deslocamentos sociais, que mesmo alcançando a universidade e, de certa forma, efetivando uma vida estruturada profissionalmente, permanecerão marcados pela experiência de resiliência, pois as adversidades persistem.

A entrevistada B, nascida na cidade de Foz do Iguaçu, no Paraná, em 1990, lembra que chegou à cidade de Florianópolis muito pequena indo direto morar na comunidade da Vila União, juntamente com seu pai e sua mãe. Conforme depoimento ela lembra:

*[...] eu nasci em Foz do Iguaçu mais já vim bem bebezinha para cá, eu moro com a minha mãe e com meu pai nesta comunidade a comunidade da Vila União que é situada aqui no Norte da Ilha de Florianópolis.* (Entrevistada B).

Em suas lembranças das vivências juvenis e adolescência principalmente no período escolar no que constituiu sua formação, alfabetização e desenvolvimento cognitivo, a jovem em seu relato defini este período de sua vida como uma formação conturbada, distorcida e desvencilhada, no que diz respeito à estrutura familiar, da figura e do vínculo paterno, tendo em vista que seu pai, de forma prematura, cumpriu pena em regime fechado, então obrigando a mãe e a filha mais velha a assumirem de forma crucial, abrupta e prematura a responsabilidade em manter a família, a qual se limitava a questões econômicas e o contexto social de risco vivenciado por aquela comunidade. Como descreve no relato abaixo:

*[...] a vida toda eu estudei na rede pública do estado e eu nunca estudei em colégio particular eu sempre fui uma boa aluna sempre fui uma aluna dedicada e sempre tirei boas notas, até a*

*oitava série eu nunca havia reprovado, mas no ensino médio eu comecei a ter problemas talvez um pouco pela idade, mas eu não gostava da escola, lá eu não me sentia bem eu achava tudo muito monótono eu não tinha paciência em ficar na sala, os professores brigavam muito comigo fui suspensa algumas vezes, na verdade várias vezes, a maioria das vezes eu não tinha feito nada. [...] ainda mais por morar nesta comunidade, houve muito preconceito por parte da escola em relação a mim foi uma época que também foi muito difícil, que meu pai foi preso e porque também tive que faltar muito na escola, principalmente nas sextas à noite quando eu ia levar compra para meu pai na cadeia e tive que ser suspensa pelas faltas de sexta no colégio. Eu fiquei muito revoltada e os professores não entendiam esta situação e não souberam lidar muito com isso fui expulsa da escola e fui estudar no centro. Essa experiência que tive no ensino médio foi muito ruim, lá neste colégio próximo da comunidade onde moro. Só no centro eu consegui concluir, mas reprovei duas vezes a primeira série no ensino médio e reprovei duas vezes o segundo ano, daí fui para o centro e concluí. [...] tenho certeza eu sofria preconceito por morar na comunidade ainda mais porque todos na escola sabiam que meu pai tinha sido preso (Entrevistada B).*

São nestas instituições de ensino, marcadas por contextos de interações sociais conflituosas, que se dá o desenvolvimento cognitivo e de alfabetização escolar, ambientes que se desdobram em relações permeadas de desigualdades sociais, também de gênero e étnico-raciais, bem como, estruturas que por vezes se encontram em condições de abandono onde geralmente condiciona o jovem ao fracasso escolar e é neste contexto que a jovem entrevistada se constitui e se ressignifica, a cada dia e a cada enfrentamento; e neste caso, como evidenciado no relato acima, estudando sempre na rede pública do estado ao mesmo tempo em que era atendida pelos projetos sociais desenvolvidos pela rede IVG, nos quais participou das três versões do Consórcio Social da Juventude, reconhecido nesta cidade como projeto “Aroeira”. Como segue no depoimento abaixo:

*[...] então primeiro teve o projeto Aroeira na comunidade onde moro, na Vila União eu participava como adolescente atendida do projeto “Educando”, depois a gente fez uma capacitação e formamos uma cooperativa “Eco arte”, cooperativa de papel e produtos personalizados com papel reciclado, onde fiquei por dois anos na cooperativa. Formei-me no ensino médio e fui trabalhar como educadora social na casa de Semi liberdade “Frutos do Aroeira” do Centro Cultural Escrava Anastácia. [...] acho que foi uma experiência única, eu diria maravilhosa, uma das experiências mais difíceis, com certeza, porque era muita responsabilidade trabalhar com este perfil de adolescente eu tinha que ter muita maturidade mais também foi uma das experiências que mais me acrescentou, eu também já estava fazendo o pré-vestibular da cidadania pelo CCEA e talvez acredito que por esta experiência eu resolvi fazer a faculdade de Direito. (Entrevistada B).*

A jovem também participou do pré-vestibular da cidadania, projeto que está diretamente vinculado à rede IVG e é desenvolvido nas dependências dos colégios dos Grupos Energia e Colégios Catarinenses, colégios parceiros da rede Instituto Padre Vilson Groh (IVG).

Neste mesmo depoimento ela lembra que foi educadora social na casa de semiliberdade do (CCEA) e atualmente, juntamente com sua mãe, ela é hoje proprietária de um pequeno empreendimento na comunidade onde mora. A realidade enfrentada por esta comunidade na capital de Santa Catarina não é algo específico e isolado no país, sendo esta uma realidade vivenciada por muitas das comunidades empobrecidas espalhadas pelos grandes centros e periferias do país.

Conforme especificado no depoimento da jovem:

*[...] na minha comunidade teve um momento muito triste aonde veio a falecer um colega nosso do projeto, o P., ele foi morto dentro da comunidade, e isso foi uma coisa que marcou muito os jovens e acho que esta morte fortaleceu mais ainda o grupo. A partir disto o grupo se tornou mais unido. [...] na Vila União quase que noventa por cento das pessoas e mais jovens estão*

*no narcotráfico. Geralmente eles não estão matriculados na escola e sem qualquer perspectiva de futuro. (Entrevistada B).*

Entretanto, por mais que a condição de abandono e da exclusão social bata todo dia em sua porta, ela também há faz refletir a sua própria existência, bem como, sua condição de cidadania, perpassando pelo seu empoderamento e despertar de censo crítico e sua elevação da autoestima. Neste sentido, a entrevistada B alcança a graduação em Direito, algo inédito para aquela realidade comunitária, tornando-se ela outra referência, projetando outro ponto de vista para as gerações futuras de sua comunidade.

*[...] quando eu entrei na primeira fase para mim foi um choque por que eu não tinha nem noção de como era uma faculdade ou como eram as coisas, pois meu pai não fez faculdade minha mãe não fez faculdade às pessoas mais próximas da minha família não tem tanto estudo então eu entrei sem saber nada, sem entender nada. Ainda mais em uma faculdade de Direito que tem uma linguagem totalmente diferente da qual estou acostumada, no começo eu me senti totalmente perdida né... Totalmente fora da minha realidade, os livros com uma linguagem totalmente diferente da minha, eu não conseguia entender o quê que o livro estava falando, eu tinha que estar com um dicionário o tempo inteiro e também não consegui construir nenhuma amizade no decorrer do primeiro semestre, todos os trabalhos eu fiz sozinha, eu mal sabia mexer no sistema acadêmico da faculdade, eu sequer tinha noção de como fazia. [...] eu me sentia um patinho feio e na segunda fase eu já estava um pouco mais tranquila e me sentia um pouco mais orientada eu consegui utilizar um pouco mais os espaços da faculdade, biblioteca, o próprio sistema acadêmico e também os professores da segunda fase já tinham uma linguagem um pouco mais tranquila e eu também já estava me acostumando com a linguagem e comecei a fazer algumas amizades, algumas pessoas que me ajudaram em alguns trabalhos e isso foi me empolgando mais eu já não mais me sentia tão sozinha e pude*



*perceber que aquela dificuldade que estava passando também eram dificuldades de alguns dos meus colegas e hoje me sinto mais incluída na faculdade. (Entrevistada B).*

Interessante perceber que nestas narrativas existe por força individual, a possibilidade do sonho na busca da utopia e materialização das conquistas desejadas no o enfrentamento quase que cotidiano da árdua labuta e do descaso social com experiências cotidianas e expectativas, que por vezes são desafiadoras e por vezes injustas no sentido das distribuições das oportunidades. Ainda assim permanece o desejo pelo improvável, o qual se estabelece no estilhaço da degradação social, oriunda do mercantilismo humano num conjunto de relações de troca e do jogo de arbitrariedade.

*[...] eu acreditava, eu meio que idealizei que na faculdade iam ter pessoas inteligentes, sei lá, pessoas com mais conhecimento, eu vi que algumas pessoas falam algumas coisas fora da realidade, pessoas assim ignorantes mesmo, e não ignorantes de estudo mais sim ignorantes de vivências e isso choca muito sabe. Porque eu acreditava que eu teria colegas com a mentalidade mais aberta e os colegas tinham uma mentalidade sabe assim, uma coisa “rasa”, e é bem difícil em algumas matérias poder debater em sala com alguns colegas como na antropologia ou na filosofia do direito ou sociologia do direito principalmente nestas matérias que trabalham mais com o humano. [...] com certeza minha vida mudou muito, antes eu me via como uma menina sem muitas responsabilidades né... E hoje, eu acredito que tenho muito mais responsabilidade e que também amadureci muito. Hoje tenho perspectivas muito boas para com a família, luto muito para ter um futuro melhor. Para que possa estar me formando e conseguir um bom emprego e ser alguém na vida. Os projetos sociais na minha comunidade me deram uma base e me fizeram enxergar um horizonte, a partir de onde eu estava e o que eu queria me tornar e o que eu poderia fazer para alcançar, sem essa base eu não ia enxergar algo melhor para mim se não eu ia ficar por aí*

*arrumaria qualquer emprego onde eu só teria a remuneração e não fosse feliz. Hoje eu faço o que eu gosto eu estudo o que eu gosto e sinto prazer no que faço e nos estudos eu acho que é isso que faz a diferença na nossa vida e isso que faz a diferença no profissional que você vai ser e faz a diferença no meio que agente convive quando se faz o que gosta você é muito mais feliz. (Entrevistada B).*

O entrevistado C nasceu na cidade de Florianópolis em 1994, e sempre estudou em instituições públicas e municipais de ensino, morando inicialmente no Morro do Horácio. Comunidade que é parte integrante do complexo Maciço Morro da Cruz, conjuntos de morros situados na área central na cidade de Florianópolis. O jovem em sua infância mais especificamente aos dois anos de idade mudou-se com seu pai para o estado do Paraná, indo morar com os avós paternos neste estado. Conforme relato abaixo do jovem:

*[...] eu nasci em Florianópolis em 1994. No dia 16 de novembro e fiquei dois anos morando inicialmente no Morro do Horácio, praticamente nasci no morro, depois de dois anos no morro fui para o Paraná, fomos morar na casa emprestada por um tio que pagou o aluguel por dois anos, principalmente porque não tínhamos dinheiro e depois fui morar com a minha avó, já que nenhuns dos irmãos de meu pai queriam ficar com ela. Lá eu estudei no ensino fundamental e início do médio aí depois de um tempo, sei lá, dez ou doze anos eu retornei à Florianópolis e nem reconheci minha cidade natal. (Entrevistado C).*

Após o período de 12 anos longe de sua cidade natal o jovem retorna à Florianópolis, vindo morar com a irmã para apoiá-la, pois, a mesma se encontrava em situação de separação conjugal. O jovem contém um histórico conturbado evidenciado por algumas situações de conflito com a lei com as quais ele se envolveu e, por determinação judicial, durante o período de um ano, o jovem cumpriu medida de semiliberdade e medida protetiva, numa casa de fortalecimento de vínculos sociais e familiares do CCEA. Casa de semiliberdade denominada “Frutos do Aroeira”, localizada no bairro Campeche, na

capital do estado. O jovem também foi participante do projeto Rito de Passagem e Programa Jovem Aprendiz na sede do CCEA.

*[...] eu comecei no “Frutos do Aroeira” cumprindo uma medida de semiliberdade, devido às questões pessoais, daí, depois deste tempo no Frutos eu fui morar com a minha irmã que tinha acabado de se separar do marido e aí eu fui dar uma força para ela. Daí, depois, foi encaminhado para o Rito de Passagem e depois para o programa Jovem Aprendiz do CCEA, na empresa Celesc. Lembro-me, que a minha chefe era a K, muito gente fina, sendo essa minha primeira experiência profissional e foi muito boa. E também tive minha carteira assinada e fui muito bem acolhido no emprego, não houve um impacto ruim por ser o meu primeiro emprego. [...] depois do contrato de aprendizagem fui para o emprego numa empresa de verdade e este emprego foi uma decepção em minha vida acho que foi a pior coisa este emprego, porque, era muito estressante tudo lá era estressante quando você chegava à empresa eu já sentia que o ambiente era ruim, porém, com o emprego pude começar minha faculdade de tecnologia, mas na faculdade também foi tudo muito tumultuado até porque eu trabalhava oito horas e tinha que depois ir para faculdade e acabei reprovando algumas matérias, daí sai da empresa porque estava muito estressante e eu estava precisando até de psicólogo e apenas fiquei o tempo da experiência e hoje estou quase desistindo da faculdade para mudar para outra coisa melhor. (Entrevistado C).*

Neste sentido, o entrevistado C reafirma suas expressões de vulnerabilidade e resiliência. Ele conforma em seu relato um horizonte de busca pela esperança da utopia e materialização de sonhos, resignificando símbolos e desencadeando um leque de possibilidades de caráter laboral e educacional. Oriundo de uma realidade vivenciada por muitos dos jovens brasileiros que perpassam pelas medidas socioeducativas, medidas de semiliberdade e medida protetiva executadas em várias casas de abrigo. Casas e instituições articuladas pela sociedade civil organizada juntamente com estabelecimentos de

internação vinculados ao estado, desenvolvidas junto às secretarias da segurança pública e da assistência social de cada estado e ou município espalhados por todo território nacional. São essas as opções de “ressocialização” destas juventudes ofertadas pelo estado.

Processo e programas de inclusão que cada vez mais estão distantes das realidades vivenciadas por estas populações e suas comunidades, conforme relato do jovem abaixo:

*[...] dentro da comunidade, principalmente no morro onde nasci, é tudo muito complicado, ou você se junta aos moleques do tráfico ou, por muita força de vontade, você altera sua trajetória, porque lá tudo é muito fácil, dinheiro, mulheres, festas carrão, porém, você nunca está tranquilo não foi fácil negar tudo isso e até em alguns momentos da minha vida acabei entrando na onda eu paguei pelo que fiz. (Entrevistado C).*

Em seu depoimento, o jovem reafirma que o importante nessas condições de vulnerabilidade são as possibilidades e disponibilidades de alternativas e oportunidades, possibilitando para cada jovem atendido o acesso às informações necessárias e o suporte no desenvolvimento de sua estruturação escolar, retomada de vínculos sociais e familiares, bem como, sua projeção na construção de seu projeto de vida e viabilidade profissional e acadêmica, pois, afirma o jovem:

*[...] eu me via como um guri de rua, sem perspectiva e sem sonho basicamente vivendo a cada dia, a partir do momento em que percebi em mim a vontade de buscar algo a mais, muita coisa mudou. Só me faltava saber qual caminho seguir e os projetos me deram esta orientação [...] hoje se sou o que sou, devo aos projetos que passei e pelos trabalhos que desenvolvi e principalmente pelas pessoas que conheci nesses caminhos. Pessoas que foram fundamentais para o direcionamento de minha vida profissional e acadêmica. [...] hoje estou muito diferente, eu era muito tímido, se tivesse mais pessoas ao meu lado eu não conseguia falar, aprendi neste processo a me comunicar a me expressar e a acreditar que é possível. (Entrevistado C).*

Importante destacar nesses relatos a dificuldade que os jovens e as populações mais vulnerabilizada têm em acessar as informações, principalmente ao que diz respeito aos processos socioassistencialistas promovidos pelo estado e pelo município. Percebe-se que o mais difícil é o primeiro passo, ou seja, o processo de emponderar-se, de elevar a autoestima e de se perceber protagonista de sua história no ato do devir, no ato de ser, pensar e agir. Atualmente, o jovem está matriculado no curso de graduação em Análise e Desenvolvimento de Sistema em uma universidade da cidade.

Sobre sua condição de estudante universitário o jovem afirma:

*[...] para mim foi muito complicado porque era como aprender sempre uma nova matéria, eu também não sabia direito como era, apesar de gostar da tecnologia e informação, por isso, entrei nesse curso de: Análise e Desenvolvimento de Sistemas, tive muita dificuldade em acompanhar o desenvolvimento da turma até porque eu não tinha o apoio de ninguém nem nenhuma orientação sobre o curso ou ajuda de alguém que já fez e pudesse me auxiliar, na verdade acho que para fazer a faculdade você deve antes fazer um curso só se você já nasce predestinado a tecnologia por que para mim era como se todo dia eu aprendesse algo novo. E também depois os professores começaram a faltar muito. [...] na faculdade eu me via como um adolescente que estava aprendendo coisas novas, que quer um futuro, apesar de eu não pertencer à mesma classe social que meus colegas, eles me tratavam por igual às vezes, claro que a gente não saía para as mesmas baladas até porque era fora do meu patamar, mas é isso. [...] na faculdade teve uma coisa que não gostei primeiro os professores não eram muito bons e viviam trocando de professores teve uma matéria que nem consegui terminar e outra coisa é a falta de apoio dos professores pareciam que eles achavam que você sabia de tudo eles te davam o conteúdo e se virá passa por isso meu desejo em desistir, apesar de ter outros professores bem legais (Entrevistado C).*

Atualmente o jovem é membro do conselho jovem do CCEA e estagiário na área de Tecnologia da Informação desta mesma instituição. Também atua como prestador de serviço de forma autônoma na manutenção e assistência de computadores em regime de contrato estabelecido e registrado como microempreendedor individual. No entanto, o jovem encontra-se com muita dificuldade em permanecer na faculdade por conta de questões financeiras e a dificuldade em acompanhar o processo de aprendizagem, pensando seriamente em desistir.

A entrevistada D nasceu na cidade de São José, cidade que exerce limite com o município de Florianópolis. A jovem nasceu no ano de 1994 e atualmente reside no município de Biguaçu juntamente com os pais e quatro irmãos mais novos. Ela relata em seus depoimentos sua força de vontade em vencer nos estudos, alegando ter grande responsabilidade e compromisso relacionado ao seu processo de escolarização. Conforme depoimento da jovem abaixo:

*[...] eu nasci em São José e tenho 20 anos de idade estudei no colégio Maria do Carmo que é uma escola pública na cidade de São José município vizinho de Florianópolis atualmente moro com a minha mãe e com meu pai em Biguaçu e tenho mais quatro irmãos. [...] nos finais de semana eu estudo, não saí de casa na verdade eu fico só estudando... (Entrevistada D).*

A jovem em todo seu processo de alfabetização tanto no ensino médio como no ensino fundamental relata que sempre estudou nos colégios públicos da rede estadual e municipal destes municípios, tanto na cidade de São José como do município de Biguaçu. Ao mesmo tempo em seu contra turno escolar ela sempre trabalhou servindo de estímulo para superação das adversidades no enfrentamento dos compromissos com os estudos e trabalho, conforme especificado pelo jovem no relato abaixo:

*[...] no ensino médio no colégio onde eu estudava eu tinha muita pouca aula, lembro-me também que havia muita falta de professor principalmente os professores nas disciplinas de português e matemática. Eu já estudava e trabalhava numa loja de bijuteria e também já fazia cursos a noite. (Entrevistada D).*

No ensino médio, com 16 anos de idade, a jovem inicia sua trajetória nos projetos da rede IVG, mais especificamente no programa Jovem Aprendiz do CCEA, num contrato de aprendizagem com empresas parceiras da rede. Hoje a jovem é estagiária desta instituição na área administrativa, sendo ela membro fundador do Conselho Jovem CCEA.

*[...] eu comecei no CCEA em 2009, eu estava atrás de emprego eu conhecia bem pouco sobre o programa aprendiz. Na verdade, eu tinha alguns amigos do colégio Marista que já tinham participado do projeto, daí eu fui lá e fiz a inscrição. Depois fui chamada 2013, para participar da aprendizagem nas lojas Renner, ficando na loja por oito meses e depois virei estagiária do CCEA. (Entrevistada D).*

Em seu relato a jovem descreve a importância dos projetos sociais em sua vida principalmente no despertar de censo crítico contribuído para sua emancipação política e principalmente na mudança de percepção social, bem como, uma constante reformulação do olhar e de sua perspectiva crítica sobre as instituições e os condicionantes sociais. Conforme depoimento colhido e relatado abaixo:

*[...] uma coisa que gostei muito foi de ter participado do Fórum Mundial de Direitos Humanos em Brasília no ano passado junto o grupo do Jovem Aprendiz do centro cultural, lá ocorreram várias palestras e a partir delas pode ter um olhar diferente sobre a redução da maioria penal, onde foi importante ouvir outras pessoas principalmente o pessoal do estado do Espírito Santo, isso foi uma das coisas importantes porque a partir disto eu mudei de pensamento onde eu inicialmente era a favor e agora sou contra a redução. Este fórum foi algo que realmente me marcou bastante. (Entrevistada D).*

A sua iniciação acadêmica em nível superior se deu primeiro com a matrícula num curso técnico na área de administração e a partir do curso técnico despertou à vontade em fazer a graduação. Dentre as

principais dificuldades que enfrentou registram-se as questões financeiras e familiares, bem como, o efetivo compromisso com o rendimento escolar e as dificuldades de mobilidade urbana. Atualmente a jovem está matriculada no curso de graduação em Gestão de Recursos Humanos numa das universidades da cidade de São José município vizinho a cidade de Florianópolis, e sobre essa condição a jovem relata:

*[...] eu iniciei num curso técnico ligado a área da administração porque eu ainda não tinha decidido o que queria fazer na faculdade. Eu sabia que queria fazer algo ligado à administração, contabilidade ou gestão de pessoas. Depois para graduação eu comecei procurando um curso de gestão de pessoas ou na área dos recursos humanos, fui até a IES FASC no Kobrasol mais também era mais caro, mais aí eu descobri o curso de gestão de recursos humanos na Estácio De Sá, e aí comecei a estudar lá em São José, até por que era mais perto de minha casa em Biguaçu [...] quando eu entrei na parte da informática, eu já sabia mexer, quase igual aos outros, mais eu tinha mesmo era muita dificuldade principalmente na matemática, coisas que eles já sabiam eu estava vendo pela primeira vez, enquanto eles estavam só relembrando eu estava aprendendo, mais também eles estudaram em escolas particulares. (Entrevistada D).*

Percebem-se também nestes depoimentos as pretensões e propensões destes jovens em dar certo retorno social, ou seja, uma contraproposta perante aquilo que lhe foi apresentado e disponibilizado por estas Instituições filantrópicas inseridas em seu próprio processo formativo, instituições denominadas de cunho social, não só pelo desenvolvimento de censo crítico e fomentação política, mas principalmente pelas pessoas que se fizeram referência no processo formativo para a mudança na percepção política, cidadã e humana dos jovens atendidos, tal como a jovem nos descreve em seu relato:

*[...] nos projetos aprendi dentre as muitas coisas teve uma educadora a professora M., que sempre me fazia parar para pensar e me ensinou a me colocar no lugar do outro, inicialmente eu era muito de julgar depois aprendi a pensar e me*



*colocar no lugar do outro. E isso, eu aprendi com ela. [...] hoje na graduação é um curso que percebo até aqui mesmo na instituição, que eu posso ajudar muito principalmente nesta relação entre o empresariado e a juventude, trazendo um pouco o olhar da juventude para relação. [...] não se pode deixar de existir projetos sociais voltados para a juventude e que as políticas públicas deveriam ser mais projetadas e mais construídas ouvindo realmente o que os jovens precisam. Não é chegar lá no dia da votação e fazer do jeito que eles pensam estarem certos. (Entrevistada D).*

A entrevistada D reafirma em seu relato que assumiu muito cedo as suas responsabilidades no que diz respeito às questões escolares. Neste sentido, é importante perceber que cada trajetória de vida está inserida num contexto e faz parte de um processo construído socialmente que se dá em tempo e em ordens diferentes.

Nessas narrativas percebe-se, em quase todos os momentos dos depoimentos, uma busca pela autonomia seja ela financeira, laboral e acadêmica, que de certa forma, sempre esteve presente na vida destes jovens. Com o objetivo e intuito de se quebrar os paradigmas do assistencialismo básico promovido pelo Estado e principalmente pelas expressões de resiliência inseridas nos contextos de vulnerabilidades condicionadas ao contexto e estrutura social da qual fazem parte.

As subjetividades da autonomia e da liberdade ética atrelada às ações dos “modos de subjetividade” em contrapartida as ações dos “modos de sujeição” relatadas nestes depoimentos que vigorosamente são evidenciados nos relatos vivenciados pelos jovens, entretanto, para melhor entendimento os conceitos podem ser observados conforme o relato do autor que os defini estes conceitos como:

*[...] entende por “modos de subjetivação” os processos pelos quais se obtém a constituição de uma subjetividade, ao contrário dos “modos de sujeição” que supõem obediência e submissão aos códigos normativos, como ocorre desde a ascensão do cristianismo e com a emergência da sociedade disciplinar, na Modernidade. (FOUCAULT, 1984 apud RAGO, 2013, p.43).*

As experiências vivenciadas por estes jovens registram muito mais que apenas trajetória de vidas ou apenas casos de sucessos. Nestes relatos são evidenciados os protagonismos estabelecidos por cada um (a) aqui entrevistado. Trata-se de assumir o controle da própria vida, ou seja, há possibilidade da construção de seu processo histórico, tornando-se sujeito de si mesmo pelo trabalho de reinvenção da subjetividade. Possibilitado pela “escrita de si”. Sendo o sujeito autor do próprio “*script*”, a partir de uma relação específica do indivíduo consigo mesmo.

A percepção de que a vida é organizada em torno das necessidades proporcionadas pela atual condição humana inserida no contexto de cada um dos jovens aqui citados e que não há alternativas que se distingam na busca pela sobrevivência que (percepções colhidas e relatadas nas entrevistas) frequentemente são assinaladas com muita ênfase em todos os depoimentos dos jovens. Para tanto, a importância desta pesquisa que buscou compreender os significados atribuídos por esses quatro jovens ao processo escolar e de passagem pela rede socioassistencial e a forma de articulação no enfrentamento dos problemas sociais que vivenciaram, de modo a identificar a partir destas as expressões de resiliência em suas experiências de vida.

A pesquisa buscou também elaborar questionamentos a partir das experiências e trajetórias de vidas dos sujeitos pesquisados seus enfrentamentos externos na construção de sua condição e identidade social, bem como, as situações de predisposição e expressões de resiliência como enfrentamento há estes agentes externos. Agentes que na maioria das vezes são oriundos de sua própria condição social, articulados sob condicionantes que de certa forma interferem no desenvolvimento pleno do ser, principalmente no que diz respeito ao desigual perfil socioeconômico e estrutura familiar. Porém, apesar destes fatores de desordem, os jovens aqui pesquisados se predispuseram ao enfrentamento de tais adversidades e vulnerabilidades encontradas em suas trajetórias objetivando a busca efetiva da realização pessoal, no que diz respeito ao seu contexto profissional e acadêmico.

Desse modo, a análise pautou-se pela hipótese de que esses jovens ressignificaram sua trajetória de vida, desconstruindo subalternidades e flexionando o seu papel social, refletindo de forma efetiva o seu desenvolvimento e construção da sua realidade e identidade social. Nessas narrativas eles (as) foram lembrando e revivendo suas experiências vividas, com o intuito de promover o exercício de reviver seu passado, detalhando de forma simples seu

contexto familiar, contexto social seus espaços de socialização e alfabetização escolar.

Foi possível observar nos relatos, com certa frequência, e de forma objetiva e cronológica, uma construção da “escrita de si”, relatando de forma muito significativa suas experiências socioexistenciais. Como observa Foucault, em sua obra *A hermenêutica do sujeito*, na qual o autor faz reflexões e referências aos antigos gregos sobre a “escrita de si”, especificando que dentro do contexto das subjetividades esta forma que dá contorno a sua trajetória é identificada como uma:

*[...] das atividades constitutivas das “artes de existência”, isto é, como uma das tecnologias pelas quais o indivíduo se elabora nos marcos de uma atividade que é essencialmente ética experimentada como prática da liberdade, e não como sujeição às práticas disciplinares.* (FOUCAULT, 2004 apud RAGO, 2013, p. 50).

O autor especifica as questões éticas atribuídas à liberdade individual e compreensão do “eu”, bem como suas subjetividades, porém deixa claro também a propensão existente e articulada pelas instituições que condicionam e permeiam cada indivíduo inferindo em suas condutas contrapostas as normas sociais atreladas e sujeitas às práticas normalizantes e disciplinares que engessam e determinam as práticas da existência e os modos de ser, existir, de pensar e agir.

Numa sociedade intitulada moderna vivemos um momento histórico de paradoxo em que a autonomia e a emancipação são as principais características desta composição atual, da qual partimos do pressuposto que o sujeito é livre detentor do pleno direito de ser aquilo que se deseja ser. Ao mesmo tempo em que se produzem relações antissociais e de exclusão, simultaneamente estes sujeitos sofrem formas variadas de massificação, caracterizando estes mecanismos de controle como perpetuação de uma subjetividade homogeneizadora atrelada há uma política econômica excludente, que faz acreditar em possibilidades virtuais e individualiza questões sociais; assim, criminaliza-se a pobreza a partir da culpabilização individual ao mesmo tempo em que o próprio indivíduo a legitima.

Portanto, como ponto de partida teórico buscou-se orientar-se a partir das análises por meio das ideias de Margareth Rago (2013), nas quais a autora traz à luz questionamentos quanto à construção de

identidade e condução ética definindo os procedimentos de análise sobre trajetórias de vida, construção de subjetividades e perspectiva autobiográficas onde defini que:

*[...] na escrita de si, não se trata de um dobrar-se sob o eu objetivado, afirmando a própria identidade a partir de uma autoridade exterior trata-se, antes de um trabalho de construção subjetiva na experiência da escrita, em que se abre a possibilidade do devir, de ser outro do que se é, escapando as formas biopolíticas de produção do indivíduo. Assim, o eu de que se trata não é uma entidade isolada, mais um campo aberto de forças; entre o eu e seu contexto não há propriamente diferença mais continuidade. (RAGO, 2013 p. 52).*

Nessas relações de continuidade entre o indivíduo social, familiar e grupal e o meio no qual está inserido, mais especificamente as condições dos jovens aqui citados, cristalizam-se situações e contextos de vulnerabilidade que são evidenciadas sem exceção em todos os depoimentos colhidos, principalmente os relatos dos conflitos, envolvendo seus familiares, os jovens e seus circuitos de amizades. Nos quais, segundo os depoimentos, as situações conflituosas ocorrem por variados motivos e variadas articulações.

Histórias de vida entrelaçados as mais diversas especificidades de cada trajetória, impactando nesta direta ou indiretamente. Situações do cotidiano inseridas no que diz respeito ao contexto social e atual configuração das estruturas familiares. Geralmente, em primeira instância, os fatos ocorridos são evidenciados por questões que vão desde situações conjugais, dependência química, conflitos de gangues rivais pelo tráfico de drogas e histórias de vidas atribuídas há contextos de miséria e abandono e, principalmente, pela dificuldade no acesso as políticas públicas e as questões que envolvem o fracasso e ou abandono escolar.

Ao citarmos as questões da escolarização juvenil, mesmo não sendo este o intuito desta pesquisa, porém como tratamos aqui das trajetórias de vida destes jovens em seu período escolar, profissional e acadêmico pretendemos buscar, então, algumas reflexões a partir das obras de Pierre Bourdieu (1988), na tentativa de elucidar questões relacionadas ao capital cultural e capital social, referentes à ascensão profissional e acadêmica desses sujeitos oriundos de um contexto de

vulnerabilidade social. O autor é um dos principais sociólogos franceses a observar o modo como a escola vem se organizando e reforçando os mecanismos geradores de exclusão, já que a escola é considerada uma das principais instituições da sociedade. O sociólogo francês é um dos autores clássicos quando o assunto é o sistema de ensino e sua função na sociedade. Ele ressalta a importância e o papel dos agentes que a compõem.

A partir de dados estatísticos e entrevistas ele demonstra a relação existente entre capital escolar e a seleção social e escolar na França. Na obra, *A reprodução* Bourdieu e Passeron (2008), estes autores analisam o sistema de ensino francês do final da década de 1960, descrevendo os mecanismos pelos quais a violência simbólica é exercida pela instituição escolar e seus agentes que, em geral, ignoram que contribuem para legitimá-la socialmente. Estes autores demonstram, que a escola prolonga os determinismos sociais ditados pela classe de origem, assim como os de gênero, realça também a necessidade que as sociedades têm de se reproduzirem socialmente (em sentido análogo ao biológico) definindo o papel da escola como um dos principais agentes neste processo. Assim, Pierre Bourdieu, defini a escola como a:

*[...] a força formadora de habitus, a escola provê aos que tem estado submetidos direta ou indiretamente à sua influência, não tanto de esquemas de pensamentos particulares ou particularizados, senão desta disposição geral, geradora de esquemas particulares suscetíveis de serem aplicados em campos diferentes de pensamento e de ação, que se pode chamar de habitus culto.* (BOURDIEU, 2003, p. 25).

Neste sentido, o sistema educacional escolar francês é considerado entre as melhores experiências republicanas de ensino público, porém, este mesmo sistema é desmistificado pelos autores sendo considerado como um sistema excludente em que ao colocar operários e elite lado a lado, ignoram suas diferenças enquanto constrange os primeiros ao seu lugar no espaço social das profissões técnicas ou mesmo fora das escolas e toma os valores da elite, enquanto arbitrários culturais como valores universais que lhes escapam.

Mesmo com o reconhecimento destes estudos de Bourdieu e sua receptividade no Brasil, por volta da década de 1990, um movimento de crítica dá nascimento a novas tendências. Como, por exemplo, podemos

citar como um dos precursores deste movimento reconhecido como a Nova Sociologia da Educação, Michael Young professor emérito do instituto de educação da Universidade de Londres na Inglaterra. Onde nos primeiros anos da década de 1970, constituiu-se na primeira corrente sociológica primordialmente voltada para a discussão do currículo escolar. Onde o grande marco de seu surgimento foi à obra: *Knowledge and control: new directions for the Sociology of Education*, editada por Young em 1971. Nela encontramos alguns artigos hoje considerados clássicos. Dentre os principais colaboradores da obra, além do editor, destacam-se: Basil Bernstein, Pierre Bourdieu, Jean Claude Passeron, Geoffrey Esland e Nell Keddie.

Estes autores defendem que a Sociologia da Educação não deveria ser atrelada às políticas governamentais nem deveria vir calcada em problemas sociais prontos para serem resolvidos matematicamente; em vez disso, a Sociologia da Educação se utilizaria de técnicas e pressupostos que fossem focados no professor, para benefício dele e que o ajudassem a compreender e a se beneficiar da disciplina. Com isso, a Sociologia viria ajudar na melhor compreensão da Epistemologia e da construção dos pressupostos éticos da prática docente. Enquanto a tradição sociológica anterior focava na compreensão e na análise das relações macroestruturais, a Nova Sociologia da Educação focava nos contextos interacionais e seus conteúdos.

Portanto, o grupo, a relação social, os fenômenos cotidianos, e as particularidades do ambiente eram os fatores que delinariam o objeto de estudo, pois assim se compreenderia com pormenores a base social do conhecimento de determinado *lôcus*, e ainda se poderia espalhar a discussão pedagógica, examinando o conteúdo transmitido, que deveria atender às demandas do grupo específico em questão. Era uma necessidade de combater a homogeneização escolar, o afastamento entre teoria e vivência do educando. O que esta Nova Sociologia da Educação defende é a perspectiva institucionalista da sociologia, afirmando a natureza interativa entre instituições e ação.

Neste sentido, compreendemos que para agir o indivíduo utiliza modelos institucionais ao mesmo tempo em que os confecciona e nesta correlação o resultado se dá nas articulações onde as instituições que afetam a imagem de si, e a identidade do ator. Esta nova tendência surge nos EUA e Inglaterra (SILVA, 1995), sendo que no primeiro há um movimento de reformulação do sistema educacional. Os referenciais da etnometodologia, interacionismo simbólico são parte deste processo. Os autores afirmam: *“O saber veiculado pelo ensino não como entidade,*

*mas, como construção social e produzida numa arena de interações e interpretações”* (SILVA, 1995). Ainda conforme Silva, crítico das obras de Bourdieu e Passeron, ele chama a atenção para o fator que os autores desvendam os mecanismos de seleção e exclusão, porém, falham ao desprezar problemas da organização dos conhecimentos que são os programas de estudo e os currículos.

As reflexões de “*A Reprodução*” privilegiam competências e não significados. Deste ponto de vista, pode-se entender que as análises de Bourdieu (2008), são omissas quanto à história singular dos alunos, sua subjetividade; sobre como, no sistema escolar, o aluno significa a sua ação. Como práticas aparentemente individuais, livres, não sistematizadas, não coordenadas podem produzir efeitos de estrutura que os trabalhos estatísticos registram? (CHARLOT, 1996). Assim, o que esta nova corrente da sociologia da educação pondera é que as teses bourdiebianas não permitem conhecer os casos marginais das famílias desfavorecidas nas quais os filhos alcançam o sucesso escolar e, por ser este o tema de maior interesse nesta pesquisa, utilizo-me destas últimas linhas para registrar que a despeito da reprodução por parte desses jovens de um ideário liberal que os leva a acreditar que o resultado de suas experiências de resiliência os constituiu como indivíduos capazes de lidar com as adversidades, conforme exposto nos relatos acima, ao mesmo tempo em que a experiência atual desses jovens também mostra que outra característica constitutiva de suas ações diz respeito à disposição em contribuir e retribuir para projetos sociais da mesma natureza daqueles que os acolheu.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sempre me questionando sobre aquilo que vivenciei inserido nos aspectos das vulnerabilidades sendo este contexto aquilo que me constituiu como minha própria referência na compreensão das interpretações sociais ao ponto de me perceber e me interrogar sob as substâncias extraídas nas interpretações que envolvem a dualidade entre o indivíduo e a sociedade, da qual, se encontram totalmente inserido no ato de seu contexto, que por vezes está geralmente demarcado em seu tempo e suas peculiaridades. Onde, neste caso, está diretamente referenciado ao contexto de vulnerabilidade e risco. Contexto a partir do qual sempre me signifiquei e me reconstitui desde o processo de meu desenvolvimento a fim de alcançar autonomia suficiente para as decisões de condução de vida.

Entretanto, percebi também questões que buscavam elucidar e compreender quem sou, como me relaciono e de que forma faço a leitura de algumas representações tácitas das instituições sociais, entrelaçadas simultaneamente num formato multidimensional de conjunturas sociais e espaciais e principalmente no desafio de me empenhar na identificação e análise da construção da identidade social do indivíduo e na construção que resultantes das flexões diante da família, do contexto social, da religião, da cultura, do trabalho, da educação e, principalmente, com relação ao meio social, cultural, econômico atrelados as vulnerabilidades dentro de suas singularidades, pluralidade, adversidades, e frente aos paradigmas epistemológicos e científicos

Foi esse o pano de fundo desta pesquisa, na qual busquei compreender e analisar as expressões de resiliência frente às situações de vulnerabilidades desenvolvidas a partir trajetória de vidas de jovens em condições semelhantes.

Durante a pesquisa foram apresentadas as características e perfis dos jovens inseridos nos contextos das vulnerabilidades, bem como as políticas públicas executadas pelo estado de Santa Catarina. Foi contextualizado também o processo de formação pedagógico das ONGs inseridas na Rede IVG, instituições inseridas nas comunidades de origem dos jovens, bem como, seus projetos e programas, formas de metodologias e atendimentos. Nesta pesquisa, por meio de uma breve análise do processo de escolarização no Brasil e seu desenvolvimento, buscou-se compreender o papel social da escola e suas função no processo de construção de conhecimento.



Enfim, os jovens entrevistados perpassaram pelos programas e projetos desenvolvidos em suas comunidades de origem, entidades inseridas na Rede IVG e estes mesmo jovens alcançaram de forma autônoma certa condição financeira ocasionando também sua inserção na vida acadêmica universitária. Portanto, para melhor entendimento de suas trajetórias foi necessária uma análise bibliográfica aprofundada das categorias: Vulnerabilidade, Trajetória de Vida e Resiliência. Percebe-se neste processo que o entendimento destas categorias é de fundamental importância na busca pelo discernimento dos paradigmas e das relações que envolvem o indivíduo suas expressões de resiliência atrelados a sua trajetória de vida. Destaco que a partir da pesquisa podemos evidenciar que a questão da vulnerabilidade social se constitui de forma dinâmica estando presente em diferentes estratos sociais da pobreza

Identificou-se também nesta pesquisa a insuficiência no que diz respeito a políticas públicas voltadas para educação e juventude, bem como, a deficitária estrutura do estado que por mais que esteja presente não exerce sua função básica de forma efetiva e muitas das vezes existe uma barreira de informação da qual os usuários do sistema não se percebe como tal, ocasionando a falta no atendimento das necessidades básicas destes jovens e seus familiares.

Outra questão importante discutida nesta pesquisa foi o papel da escola que, por vezes, como pode ser verificado nos relatos dos jovens, está distante de ser algo a encher nossos olhos. Visto que na grande maioria dos relatos a escola por vezes exclui, deslegitima e reproduz condicionantes e determinantes sociais. Percebe-se também nestes relatos a importância da estrutura familiar como base de sustentação para o alcance da materialização dos sonhos e da ascensão social.

Neste processo de análise das entrevistas identificou-se também que os jovens analisados possuem uma propensão em mediar, a partir das situações de vulnerabilidades, outras formas de pensar e agir diferentemente daquelas que as condicionam inseridas em seus contextos sociais, num deslocamento que interfere principalmente no seu desenvolvimento escolar e profissional. Percebe-se também que com o enfrentamento de tais adversidades os jovens se tornam efetivamente indivíduos politizados e percebe-se também certa emancipação política, retratando sob outros aspectos a sua forma de visualizar o mundo despertado para o censo de criticidade e empoderamento. Sendo este empoderamento peça fundamental para elevação da sua autoestima e reconhecimento de sua condição e papel social, pois é a partir deste reconhecimento das estruturas e condicionantes sociais que se dá o

processo de transformação do indivíduo, da sua realidade e de sua condição.

## REFERÊNCIAS

AZIBEIRO, Nadir Esperança. **Esse movimento chamado Aroeira**. Florianópolis: Editora CCEP, 2009.

AZIBEIRO, Nadir Esperança. **Que cara tem o Aroeira?** Uma contribuição à sistematização de uma prática de educação popular e inclusão cidadã. Florianópolis: Editora CCEP, 2006.

AZIBEIRO, Nadir.E. *A criação de relações de saber, poder e prazer na vida e nos processos educativos*: a experiência do FFMP-INCA, 1a, 2a, e 3a turmas. Dissertação. Florianópolis.

BOURDIEU, Pierre. (dir.). **A Miséria do mundo**. Petrópolis: Vozes, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **Contre-feux**. Paris: Liber Raison D'agir, 1988.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

BRASIL. **Constituição** (1988). Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 05 de outubro de 1988. 39º edição. São Paulo: Saraiva, 2007.

BRASIL. **Lei nº 4.024**, de 20 de Dezembro de 1961. Disponível em < [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L4024.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L4024.htm)>. Acesso em 04 Jun. 2013.

BRASIL. **Lei nº 9.394**, de 20 de Dezembro de 1996. Disponível em < [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm)>. Acesso em 04 Jun. 2013.

BRASIL. **Plano Nacional de Educação**, de 15 de Dezembro de 2010. Disponível em < <http://www.camara.gov.br/sileg/integras/831421.pdf>>. Acesso em 21 Jun. 2013.

BECKER, H. S. **Biographie et mosaïque scientifique**. In Actes de la recherche en sciences sociales, 1986

BERTAUX, D. **El enfoque biográfico: su validez metodológica, sus potencialidades**. In Propositiones, 1999.

CHARLOT, Bernard. **Relação com o saber e com a escola entre estudantes da periferia**. ESCOL: Paris, 1996. Tradução: Neide Luzia de Rezende.

COWAN, P. A., Cowan, C. P. & Schulz, M. S. ***Thinking about risk and resilience in families***. Em E. M. Hetherington & E. A. Blechman (Orgs.), Stress, coping and resiliency in children and families (pp. 1-38). New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1996.

HOGAN, Daniel Joseph e MARANDOLA, Eduardo Junior. **Vulnerabilidade do lugar e riscos na Região Metropolitana de Campinas**. Unicamp: Campinas, 2006.

JANCZURA, Rosane. **Risco ou vulnerabilidade social?** 2012. 308 f. Tese (Doutorado) - Curso de Serviço Social, PUC RS, Porto Alegre, 2012.

KAZTMAN, Ruben. **Notas sobre La medición de La vulnerabilidad social**. Revista de la Cepal. Santiago do Chile, 2000.

LEÃO, Roberto Franklin de. **As condições de vida e trabalho dos professores no Brasil**. Le Monde, p. 27-33. 01 mar. 2013.

MASTEN, A. & Garmezy, N. Risk, vulnerability and protective factors in Developmental Psychopathology. Em B. B. Lahey & A. E. Kazdin (Orgs.), Advances in clinical child psychology (pp. 1-52). New York: Plenum, 1985

MASTEN, A. S. Ordinary magic: Resilience processes in development. American Psychologist, 2001.

RAGO, Luzia Margareth. **A aventura de contar-se: feminismos escrita de si e invenções da subjetividade**. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

RUTTER, M. Psychosocial resilience and protective mechanisms. Em J. Rolf, A. S. Masten, D. Cicchetti, K. H. Nuechterlein & S. Weintraub (Orgs.), Risk and protective factors in the development of psychopathology (pp. 181-214). New York: Cambridge University, 1996.

SILVA, Tomaz Tadeu. **O projeto educacional moderno**: identidade terminal IN: VEIGA-NETO, Alfredo (org.) et alli. Crítica Pós-Estruturalista em Educação. Porto Alegre: Sulinas, 1995.

STOCO, Sérgio; ALMEIDA L. C. **Escolas municipais de Campinas e vulnerabilidade sociodemográfica**: primeiras aproximações. Revista Brasileira de Educação. v. 16 n. 48 set.-dez. 2011. (pp. 663-814). Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v16n48/v16n48a08.pdf>. Acesso em 11 de maio de 2015.

STROMQUIST, Nelly P. **Educação Latino-Americana em tempos Globalizados**. Sociologias, Porto Alegre, n., p.72-98, 30 abr. 2012.

YOUNG, Michael, F. D. **Para que servem as escolas?** Educação & Sociedade, v. 28, n. 101, p. 1287-1302, 2007. Disponível em:< <http://cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 23 maio 2014.



## **APÊNDICE A – Roteiro das entrevistas**

### **Roteiro de Entrevista**

Em primeiro lugar, eu gostaria de agradecer pela sua disponibilidade para conversar comigo hoje. Gostaria de reforçar que eu sou aluno e pesquisador da UFSC, isto quer dizer que não existem respostas certas ou erradas. Busco as suas opiniões mais sinceras sobre o que será discutido. O meu interesse com esta pesquisa é compreender [...].

Gostaria de gravar em áudio esta nossa conversa. No entanto, quero assegurar-lhe de que isto é apenas para fins de organização desta pesquisa, já que a partir do que for dito aqui, farei um Trabalho de Conclusão de Curso de graduação em Ciências Sociais.

Estamos gravando porque eu não tenho como lembrar tudo o que foi dito depois e preciso de algum registro. Tudo bem?

Todas as suas respostas serão mantidas em confidencialidade, e de forma alguma, essas informações serão atribuídas a você individualmente. Alguma pergunta até aqui?

1) Para começarmos a nossa conversa e nos conhecermos melhor, eu gostaria que você me contasse um pouco mais sobre você. Fale-me sobre onde você nasceu, onde estudou, sua família, onde mora atualmente, seu trabalho/profissão. E o que você gosta de fazer no seu tempo livre?

2) Agora, eu gostaria que você me contasse suas experiências escolares. Como foi isso? Que lembranças você guarda de sua formação escolar? Há algo ou alguém que tenha marcado essa sua experiência? Fale-me sobre isso.

3) Agora, eu gostaria que você me falasse sobre o momento em que ingressou nos projetos sociais do Instituto Vilson Groeh (IVG). Como foi isso? Como você conheceu os projetos? Quando você chegou até os

projetos? Como foi a experiência neles? Há algo ou alguém que tenha marcado essa sua experiência? Fale-me sobre isso.

4) Agora, eu gostaria que você me falasse um pouco mais sobre sua experiência na universidade. Como está sendo isso? O que mais te chama a atenção nesse contexto? Como você se percebe no contexto da universidade? Você fez e tem amizades na Universidade? Do que você mais gosta na Universidade? Como tem sido o seu rendimento nas atividades da Universidade e sua participação nos eventos que ela promove? Do que você não gosta na Universidade? Fale-me sobre isso.

5) Você gostaria de falar mais alguma coisa sobre o que conversamos aqui? Algo sobre a sua vida, de antes e de hoje, ou do futuro?

6) Para encerrarmos, obrigado por ter conversado comigo hoje. O que você me contou me ajudará muito a concluir o meu estudo.

Fonte: Desenvolvido pelo autor